

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

LARA ABREU VASCONCELOS ALMEIDA

**A ONDA AZUL NO CONE SUL: ESTRATÉGIAS
NEOPOPULISTAS NO BRASIL E NA ARGENTINA (2014–2024).**

MARIANA
2025

LARA ABREU VASCONCELOS ALMEIDA

**A ONDA AZUL NO CONE SUL: ESTRATÉGIAS
NEOPOPULISTAS NO BRASIL E NA ARGENTINA (2014–2024).**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao curso de História da Universidade Federal
de Ouro Preto como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciada em História.

Orientadora: Tereza Maria Spyer Dulci

MARIANA
2025



FOLHA DE APROVAÇÃO

Lara Abreu Vasconcelos Almeida

A onda azul no Cone Sul: estratégias neopopulistas no Brasil e na Argentina (2014–2024)

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em História

Aprovada em 29 de julho de 2025

Membros da banca

Dra. Tereza Maria Spyer Dulci - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto
Ms. Gabriel Antonio Butzen - Universidade Federal de Ouro Preto

Tereza Maria Spyer Dulci, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 10/10/2025



Documento assinado eletronicamente por **Tereza Maria Spyer Dulci, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 10/12/2025, às 10:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1029400** e o código CRC **4F2AD44D**.

AGRADECIMENTOS

Aos meus irmãos Daniel e Tábata, que assumiram a responsabilidade de me guiar e apoiar em minha vida e trajetória acadêmica, especialmente após a ausência de nossos avós. Dedico cada conquista a vocês, que sempre acreditaram e se dedicaram a mim. Obrigada por todos os livros, roupas, conselhos e por abrirem as portas de suas casas. Nada disso seria possível sem vocês.

Aos meus avós Vera e Antônio, que foram pais em minha vida e dedicaram tudo ao meu bem-estar e educação. Obrigada pelas memórias inesquecíveis que me deixaram, tornando-se eternos em mim. À minha avó Shirley, tias e primas, por não terem me deixado desacreditar de mim mesma e por confiarem em cada uma de minhas conquistas, principalmente quando eu mesma não acreditava.

Aos meus pais, Sumara e William, por todo o cuidado, preocupação e apoio, mesmo à distância. Agradeço por cada conselho, por sempre irem além do possível e estarem presentes em todos os momentos, todos os dias, independente da distância.

Aos meus irmãos Tiago e Bruna, que formam a base sólida de amor e companheirismo em minha vida. Ao meu sobrinho Davi, meu raio de sol, que enche meus dias de alegria. Ao meu namorado Ian, por ter me proporcionado calma e confiança nos momentos mais turbulentos.

À República Sé, pelo acolhimento, irmandade e momentos inesquecíveis que vivemos ao longo desses quatro anos. Aos meus amigos Pauloka e Borba. Quando se trata de memória, as melhores dessa jornada foram as que tenho com vocês.

Ao professor Mateus Pereira, pela orientação e oportunidades durante minha graduação. À minha orientadora Tereza Spyer, por tornar o desenvolvimento deste trabalho não apenas acadêmico, mas uma experiência enriquecedora e prazerosa. E à Universidade Federal de Ouro Preto, por ter me proporcionado os melhores suportes dos últimos 4 anos. Obrigada por cada ensinamento e pelo amparo.

RESUMO

Esta monografia objetiva investigar a ascensão da extrema direita neopopulista no Brasil e na Argentina (2014–2024), com foco nas figuras de Jair Bolsonaro e Javier Milei, analisando suas estratégias políticas em um contexto de atualismo (Pereira e Araújo, 2021), caracterizado pela rápida atualização nas redes sociais, onde o real se confunde com a atualidade. A monografia explora como ideologias de direita rejeitam aspectos concretos da sociedade, criando sistemas de crenças que legitimam privilégios e excluem questões como desigualdade. A pesquisa examina a conexão entre memória histórica das ditaduras e o desenvolvimento de políticas extremistas na era digital, avaliando a “política de não memória” no Brasil, instaurada pela Lei da Anistia de 1979, que enfraqueceu a resistência ao autoritarismo, e contrastando com a Argentina, onde a Lei de Punto Final foi declarada inconstitucional em 2005, criando maior resistência social. Além disso, analisa o papel das redes sociais (Instagram) na construção de imagens públicas, destacando como Bolsonaro e Milei utilizam as redes para engajar seguidores, polarizar debates e manipular narrativas históricas. Ambos se apresentam como “homens comuns” e heróis nacionais, utilizando técnicas de comunicação modernas para reforçar discursos polarizadores e construir inimigos políticos, como o petismo no Brasil e o kirchnerismo na Argentina. A pesquisa questiona a eficácia da memória de resistência em conter o avanço da nova extrema direita em um cenário de manipulação midiática e desinformação, evidenciando o papel crucial da internet na amplificação dessas dinâmicas.

Palavras-chave: extrema direita, memória, ditadura, atualismo.

RESUMEN

Esta tesis tiene como objetivo investigar el ascenso de la extrema derecha neopopulista en Brasil y Argentina (2014–2024), enfocándose en las figuras de Jair Bolsonaro y Javier Milei, y analizando sus estrategias políticas en un contexto de *actualismo* (Pereira y Araújo, 2021), caracterizado por la rápida actualización en las redes sociales, donde lo real se confunde con la inmediatez. La monografía explora cómo las ideologías de derecha rechazan aspectos concretos de la sociedad, creando sistemas de creencias que legitiman privilegios y excluyen problemáticas como la desigualdad. La investigación examina la conexión entre la memoria histórica de las dictaduras militares y el crecimiento de las políticas extremistas en la era digital, analizando la “política de la no memoria” en Brasil, instaurada por la Ley de Amnistía de 1979, que debilitó la resistencia al autoritarismo, y contrastando con Argentina, donde la *Ley de Punto Final* fue declarada inconstitucional en 2005, generando una mayor resistencia social. Además, se analiza el rol de las redes sociales (Instagram) en la construcción de imágenes públicas, destacando cómo Bolsonaro y Milei utilizan estas plataformas para atraer seguidores, polarizar los debates y manipular las narrativas históricas. Ambos se presentan como “hombres comunes” y héroes nacionales, utilizando técnicas modernas de comunicación para reforzar discursos polarizantes y construir enemigos políticos, como el petismo en Brasil y el kirchnerismo en Argentina. La investigación cuestiona la eficacia de la memoria de resistencia para contener el avance de la nueva extrema derecha en un escenario atravesado por la manipulación mediática y la desinformación, evidenciando el rol crucial de internet en la amplificación de estas dinámicas.

Palabras clave: extrema derecha, memoria, dictadura, actualismo.

ABSTRACT

This monograph aims to investigate the rise of the neo-populist far-right in Brazil and Argentina (2014–2024), focusing on the figures of Jair Bolsonaro and Javier Milei, analyzing their political strategies within a context of actualism (Pereira, Araújo, 2021), characterized by the rapid updating of content on social media, where reality becomes confused with immediacy. The monograph explores how right-wing ideologies reject concrete aspects of society, creating belief systems that legitimize privileges while excluding issues such as inequality. The research examines the connection between the historical memory of military dictatorships and the growth of extremist politics in the digital era, assessing the “politics of non-memory” in Brazil, established by the 1979 Amnesty Law, which weakened resistance to authoritarianism, and contrasting it with Argentina, where the Ley de Punto Final was declared unconstitutional in 2005, generating stronger social resistance. Furthermore, it analyzes the role of social media (Instagram) in constructing public images, highlighting how Bolsonaro and Milei use these platforms to engage followers, polarize debates, and manipulate historical narratives. Both present themselves as “common men” and national heroes, employing modern communication techniques to reinforce polarizing discourses and construct political enemies, such as *petismo* in Brazil and *kirchnerismo* in Argentina. The research questions the effectiveness of resistance memory in containing the advance of the new far-right amid media manipulation and disinformation, emphasizing the crucial role of the internet in amplifying these dynamics

Keywords: far right, memory, dictatorship, culture war, actualism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – El Presto e Videla.....	22
Figura 2 – Rasta News.....	23
Figura 3 – El Presto e o Peronismo.....	23
Figura 4 – O (anti) herói Moro	30
Figura 5 – O SuperMan argentino	33
Figura 6 – Impacto das redes sociais nas eleições	43
Figura 7 – A performance do barbeador:	48
Figura 8 – O populismo infantilizado: a cena do carrinho.....	49
Figura 9 – O cabelo como performance.....	55
Figura 10 – O penteado como marca política:	56
Figura 11 – O “pai de pet”	57
Figura 12 – A direita no Brasil	64
Figura 13 – Avaliação do Governo Lula.....	66

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. RECONFIGURAÇÕES POLÍTICAS E CULTURAIS NO CONE SUL: DA “ONDA ROSA” À “ONDA AZUL” E A EMERGÊNCIA DA GUERRA CULTURAL.....	17
1.1. Da "Onda Rosa" à "Onda Azul.....	18
1.2. Identidades Predatórias e a “Guerra Cultural”.....	20
2. (ANTI) HERÓIS POLÍTICOS: NEOPOPULISMO E RECONFIGURAÇÕES POLÍTICAS NO CONE SUL: DA CRUZADA BOLSONARISTA À ASCENSÃO DE MILEI.....	26
2.1. A cruzada do neopopulismo no Brasil.....	27
2.2. O populismo em dois atos: de Macri a Milei.....	32
2.3. Gestões políticas da (não) memória.....	37
3. ESTRATÉGIAS POLÍTICAS NAS REDES: ENTRE O BOLSONARISMO E O MILEÍSMO.....	40
3.1. Redes de influência como propaganda política.....	41
3.2. Publicações de Bolsonaro.....	47
3.3. Publicações de Javier Milei.....	51
3.4. Análise das Redes de Jair Bolsonaro e Javier Milei.....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	65

INTRODUÇÃO

A presente monografia tem como objetivo investigar a ascensão da nova extrema direita neopopulista no Brasil e na Argentina no período de 2014 a 2024, concentrando-se nas figuras políticas de Jair Bolsonaro e Javier Milei. Essa temporalidade foi selecionada levando em consideração os distintos momentos da ascensão do nacionalismo autoritário em ambos os países, respeitando seus respectivos contextos. No caso do Brasil, o recorte inicial em 2014 coincide com o início da Operação Lava Jato, um marco fundamental para compreender o desgaste das instituições políticas tradicionais e o cenário de crise que favoreceu a ascensão de Bolsonaro. Já no contexto argentino, o recorte estende-se desde o governo de Mauricio Macri, em 2016, até a vitória de Milei em 2023. A análise desse período é essencial para compreender a transição política e econômica que pavimentou o caminho para o crescimento da extrema direita no país. O governo Macri, marcado por políticas neoliberais e crises econômicas, gerou insatisfação popular e fragmentação política, criando as condições para o surgimento de uma figura disruptiva como Milei, cuja retórica anti-sistema e ultraliberal conquistou amplo apoio em um cenário de desilusão com os partidos tradicionais.

O estudo analisa as estratégias digitais aplicadas por esses líderes em um contexto caracterizado pelo que Mateus Pereira e Valdei Araújo denominam como atualismo (PEREIRA; ARAUJO, 2021). A pesquisa explora a relação entre a memória histórica das ditaduras militares e o crescimento de políticas extremistas no Brasil e na Argentina. Particular atenção é dada às narrativas de (não) memória que moldam o cenário político atual, analisando como Bolsonaro e Milei se apresentam simultaneamente como “homens comuns” e heróis nacionais, opositores de políticas tradicionais. Para isso, utilizam técnicas modernas de comunicação, como memes e conteúdos virais, que transformam a interação política em uma experiência digital emocionalmente carregada. Essas estratégias, além de legitimar suas agendas, constroem inimigos fictícios, como o petismo no Brasil e o kirchnerismo na Argentina, manipulando o passado para justificar seus projetos políticos.

No Brasil, a Lei da Anistia de 1979 institucionalizou uma política de esquecimento dos crimes cometidos durante a ditadura civil-militar (1964-1985), ao garantir a impunidade tanto para agentes do Estado quanto para opositores políticos, o que contribuiu para enfraquecer a resistência social e dificultar a construção de uma memória pública voltada à responsabilização e à justiça de transição. Esse quadro permitiu que discursos autoritários e revisionistas se mantivessem latentes no debate político brasileiro, facilitando sua reativação

em contextos recentes, como na ascensão de Bolsonaro. Já na Argentina, a trajetória foi distinta: a decisão da Suprema Corte de declarar inconstitucional a “Ley de Punto Final”, em 2005, rompeu com a lógica da impunidade e consolidou uma memória coletiva mais robusta, ancorada na centralidade dos direitos humanos e na punição dos responsáveis pelas violações cometidas durante a última ditadura militar (1976-1983). Esse processo transformou a memória em um eixo estruturante da democracia argentina, produzindo uma cultura política marcada pela valorização das políticas de memória, verdade e justiça. No entanto, a vitória de Milei, representando essa nova extrema direita, coloca em xeque a eficácia dessa memória na contenção de projetos políticos autoritários, indicando que, mesmo em sociedades com fortes políticas de memória, a radicalização política, o revisionismo e a deslegitimação das lutas por direitos humanos podem encontrar espaço e apoio popular, desafiando os pressupostos consolidados sobre a função social da memória como barreira à repetição de regimes autoritários.

O objetivo geral da pesquisa é investigar a ascensão da nova extrema direita neopopulista no Brasil e na Argentina no período de 2014 a 2024, centrando-se nas figuras políticas de Bolsonaro e Milei. Os objetivos específicos são: analisar a relação entre a memória histórica das ditaduras militares e o crescimento de políticas extremistas no Brasil e na Argentina, com foco nas narrativas de (não) memória que moldam o cenário político atual; explorar as estratégias de comunicação digital, como o uso de memes, *fake news* e redes sociais, utilizadas por Bolsonaro e Milei para construir suas imagens públicas e mobilizar apoio popular; e avaliar a eficácia da memória de resistência a regimes autoritários em conter o avanço dessa nova extrema direita, contrastando os contextos brasileiro e argentino.

Em termos teóricos, esta pesquisa fundamenta-se na articulação entre duas abordagens principais: a História do Tempo Presente e a História Comparada, complementadas por aportes teóricos sobre memória coletiva, cultura digital e populismo. Essas abordagens e referenciais oferecem ferramentas indispensáveis para compreender a ascensão da nova extrema direita neopopulista no Brasil e na Argentina, fenômeno que se desenrola em um contexto contemporâneo marcado pela crescente importância das redes sociais e pela intensa disputa de narrativas históricas.

A História do Tempo Presente, consolidada a partir das reflexões de François Bédarida (1991) e Henry Rousso (1998), propõe uma articulação entre o passado recente e as questões urgentes do presente, rompendo com a ideia de uma separação estanque entre história e

atualidade. Como enfatiza Rousso, trata-se de uma história “em proximidade”, feita sob o olhar das gerações que vivenciaram ou ainda vivenciam os acontecimentos, e, por isso, sujeita a desafios específicos, como a tensão com a memória social e a politização das interpretações. Inspirada por essa perspectiva, esta pesquisa parte da compreensão de que, como afirmou Marc Bloch (1949), “o presente não é mais do que um passado recente”, sendo a incompreensão do presente fruto da ignorância em relação ao passado.

No campo específico da temporalidade contemporânea, destaca-se o conceito de “atualismo”, formulado por Mateus Pereira e Valdei Araujo (2021), que descreve uma era em que a verdade histórica cede lugar àquilo que ocupa o topo das *timelines* digitais, confundindo o “real” com o “atual”. Nesse cenário, memória e história entram em crise, intensificadas por processos de revisionismo e negacionismo que reconfiguram narrativas coletivas e corroem consensos democráticos. Como destaca Pierre Nora (1993), a memória coletiva é seletiva e vulnerável, sendo constantemente mobilizada e instrumentalizada na arena política, o que torna imprescindível compreender como essas operações moldam a experiência histórica contemporânea.

A perspectiva da memória coletiva, concebida inicialmente por Maurice Halbwachs (1950), é central para esta análise, ao enfatizar que a lembrança do passado é socialmente construída e constantemente reinterpretada. Nora (1993), ao desenvolver o conceito de “lugares de memória”, evidencia como determinados marcos simbólicos se constituem como pontos de condensação de identidades e disputas políticas.

Esse aparato conceitual é fundamental para compreender como Bolsonaro e Milei instrumentalizam narrativas históricas e memórias seletivas na construção de suas identidades políticas, apresentando-se como “salvadores” frente a uma suposta corrupção endêmica associada aos regimes políticos anteriores.

A História Comparada, por sua vez, é adotada para aprofundar a análise e identificar padrões e divergências entre as dinâmicas sociopolíticas no Brasil e na Argentina. Conforme defendeu Marc Bloch (1949), a comparação constitui um “instrumento indispensável” para o historiador, pois permite superar singularidades isoladas e buscar explicações mais abrangentes e complexas para os fenômenos históricos. Na contemporaneidade, essa abordagem tem sido discutida e reformulada por autores como Jürgen Kocka (1999) e Heinz-Gerhard Haupt (2011), que ressaltam a necessidade de uma comparação sistemática e

orientada por problemas, evitando tanto o universalismo abstrato quanto o particularismo excessivo.

Nesse sentido, a História Comparada emerge como um movimento contra o nacionalismo historiográfico, ao romper com a tendência de estudar os processos históricos exclusivamente dentro das fronteiras do Estado-nação. Tal perspectiva possibilita a construção de interpretações mais amplas e interconectadas sobre fenômenos políticos transnacionais, como é o caso da ascensão da nova extrema direita no Cone Sul. A comparação permite, assim, explorar paralelos e contrastes na maneira como as narrativas de memória e esquecimento são manipuladas por Bolsonaro e Milei, ao mesmo tempo que considera as estratégias discursivas que sustentam essas construções simbólicas e os fatores que moldam sua recepção em cada país.

Além dessas abordagens, a pesquisa se ancora em referenciais teóricos sobre cultura digital e populismo. No âmbito da cultura digital, destacam-se as contribuições de Manuel Castells (2009), ao abordar as redes como a estrutura social predominante na era da informação, e de Shoshana Zuboff (2020), que denuncia a lógica do “capitalismo de vigilância” e a exploração das emoções e dados pessoais como motor das interações *online*. Estes aportes são fundamentais para compreender como as estratégias comunicativas de Bolsonaro e Milei — com especial destaque para o emprego de memes, *fake news* e conteúdos virais — se inserem em uma lógica de produção de afetos e reforço de bolhas informativas que intensificam a polarização política, fenômeno característico da cultura digital contemporânea.

No campo do populismo, são centrais as formulações de Ernesto Laclau (2005) e Chantal Mouffe (2000), que oferecem ferramentas conceituais para compreender como líderes populistas articulam demandas sociais heterogêneas em torno de discursos unificadores que opõem “o povo” a “uma elite corrupta”, sustentando a figura do líder como representante exclusivo da vontade popular.

O trabalho adota a netnografia como uma das metodologias principais, entendida como uma abordagem qualitativa que adapta técnicas etnográficas tradicionais para o estudo de interações sociais em ambientes digitais. O termo “netnografia”, resultante da junção de “internet” e “etnografia”, foi cunhado por Robert Kozinets (2014) e amplamente desenvolvido

em seus trabalhos subsequentes, consolidando-se como uma metodologia reconhecida para a investigação de fenômenos culturais que se manifestam online.

Essa abordagem possibilita a compreensão de práticas e significados culturais emergentes em ambientes digitais, a partir da análise de discursos, interações e produções simbólicas realizadas em comunidades virtuais, redes sociais, fóruns e blogs. A netnografia privilegia a observação de situações naturais nos ambientes digitais, ou seja, processos que ocorrem espontaneamente, sem a intervenção direta do pesquisador. Diferentemente dos métodos quantitativos, que buscam estabelecer padrões generalizáveis, a netnografia enfatiza a profundidade interpretativa e a análise do contexto das interações, oferecendo informações sobre práticas no meio digital. Assim, constitui uma ferramenta adequada para investigar fenômenos contemporâneos marcados pela formação de comunidades afetivas e políticas, e pela circulação de narrativas em plataformas digitais, aspectos centrais para a compreensão das estratégias comunicacionais de Bolsonaro e Milei.

A netnografia foi aplicada para a análise das estratégias de comunicação digital de Bolsonaro e Milei no Instagram, priorizando a observação manual e a interpretação qualitativa dos conteúdos. Foram analisadas seis publicações no total, três de cada perfil, selecionadas de acordo com contextos temporais distintos e representativos de suas trajetórias políticas, o que permitiu uma comparação contrastiva entre as estratégias e discursos de ambos.

A escolha pelo Instagram como objeto desta pesquisa, se justifica pela estética visual, pelo apelo afetivo e pela construção de narrativas imagéticas, aspectos fundamentais para compreender a comunicação política de Bolsonaro e Milei, especialmente na mobilização de públicos mais jovens, como a Geração Z (nascidos aproximadamente entre 1995 e 2010). A minha familiaridade com esse ambiente — do qual sou usuária ativa, com expressivo número de seguidores e conhecimento das dinâmicas e ferramentas da plataforma — constitui um recurso metodológico decisivo para a realização da pesquisa. Tal experiência possibilitou a adoção da netnografia como abordagem investigativa, viabilizando a observação participante e a análise aprofundada das práticas comunicacionais, interações e sentidos produzidos nas redes de apoio a essas lideranças políticas.

No caso de Bolsonaro (@jairmessiasbolsonaro), as publicações escolhidas correspondem aos anos de 2018, 2022 e 2024, abrangendo três momentos-chave: o período da campanha presidencial, evidenciando a fortificação de sua ascensão política e o engajamento

de sua base; o contexto pós-pandemia, com foco nas mudanças no comportamento de apoiadores e críticos; e o período pós-mandato, quando já não ocupava mais a presidência, possibilitando a identificação de possíveis transformações na sua interação digital com a base de apoiadores.

Em relação a Milei (@javiermilei), as publicações analisadas referem-se aos anos de 2022, 2023 e 2024, refletindo a sua trajetória recente: a fase pré-eleitoral, o ano de sua vitória presidencial e o primeiro ano de seu mandato. Essa abordagem temporal permitiu captar a evolução de sua retórica e das estratégias de comunicação em diferentes estágios de sua atuação política.

Nas publicações selecionadas do Instagram, foram analisados quantitativamente o número de curtidas, como indicador da relevância e do engajamento, e qualitativamente os 100 primeiros comentários de cada postagem, com o objetivo de identificar a proporção de apoiadores e críticos (*haters*), bem como realizar um levantamento relacionado ao gênero dos comentadores. Devido ao elevado volume total de comentários e à indisponibilidade de ferramentas automatizadas, a análise foi realizada manualmente, o que, embora mais trabalhosa, possibilitou um olhar mais detalhado e contextualizado sobre as interações iniciais em cada publicação, configurando uma das limitações metodológicas do estudo.

Ao integrar esses aportes teóricos à metodologia adotada esta pesquisa assume uma perspectiva crítica e multidimensional, que amplia a compreensão do objeto estudado, evidenciando como as dinâmicas digitais contemporâneas transformam as relações entre história, política e memória. Esta fundamentação também aponta os desafios e limitações inerentes à análise de fenômenos complexos e em curso.

Esta monografia está organizada em seções que estruturam o desenvolvimento da pesquisa. A introdução apresenta o problema de pesquisa, os objetivos e a relevância do tema, contextualizando a ascensão da nova extrema direita no Brasil e na Argentina. O desenvolvimento do TCC é dividido em capítulos temáticos, começando com uma análise da transição política da “Onda Rosa” para a “Onda Azul”, marcando a ascensão dos governos de direita na América Latina. Em seguida, são exploradas as estratégias de comunicação digital, como o uso de memes, *fake news* e redes sociais, utilizadas por Bolsonaro e Milei para construir suas imagens públicas e mobilizar apoio popular. Um capítulo específico é dedicado à relação entre memória histórica e autoritarismo, contrastando o papel da memória coletiva

na resistência a regimes extremistas no Brasil e na Argentina. A conclusão sintetiza os achados, discutindo os impactos das estratégias neopopulistas sobre a democracia e propondo caminhos para futuras investigações sobre o tema. Por fim, as referências e os apêndices complementam o trabalho, fornecendo suporte teórico e documental às análises realizadas.

CAPÍTULO 1: RECONFIGURAÇÕES POLÍTICAS E CULTURAIS NO CONE SUL: DA “ONDA ROSA” À “ONDA AZUL” E A EMERGÊNCIA DA GUERRA CULTURAL

O presente capítulo busca analisar as transformações políticas ocorridas na América Latina, especialmente no Cone Sul, a partir da virada do século XXI, quando o ciclo progressista conhecido como “Onda Rosa” começou a dar lugar à ascensão da chamada “Onda Azul”, marcada pela emergência de lideranças de extrema direita e por novas estratégias de mobilização política. Nesse contexto, Brasil e Argentina constituem casos paradigmáticos: de um lado, o colapso do lulismo e a ascensão de Bolsonaro; de outro, a crise do kirchnerismo e o surgimento de Milei como figura disruptiva e representante da nova extrema direita neopopulista. Esta análise parte da compreensão de que tais fenômenos não podem ser entendidos apenas pelas conjunturas econômicas ou institucionais, mas também como resultado de profundas transformações culturais, comunicacionais e identitárias que atravessam a política contemporânea.

Assim, este capítulo está estruturado em duas partes interligadas. A primeira seção examina a transição da “Onda Rosa” para a “Onda Azul”, destacando os fatores políticos e sociais que favoreceram o avanço das novas direitas na região, bem como o papel central das estratégias comunicacionais baseadas na disseminação de *fake news* e na espetacularização da política. A segunda seção aprofunda a discussão a partir do conceito de “identidades predatórias”, articulando-o com a noção de “guerra cultural”, para compreender como as lideranças de Bolsonaro e Milei mobilizam afetos, memórias e discursos polarizadores na construção de suas bases políticas. A partir dessa abordagem, busca-se compreender de que modo a cultura digital e as disputas em torno da memória histórica se tornaram elementos centrais na conformação da nova extrema direita no Cone Sul.

1.1. Da “Onda Rosa” à “Onda Azul”

*“We prayed for a saviour. Fate gave us a clown
To turn our lives upside down
In short, we all begged for a jig; He taught us the blues
Told us the truth was just fake news”
(Clown, Tuatha de Danann)*

Em 2015, a América Latina vivenciou uma transição da chamada “Onda Rosa”, caracterizada pela ascensão de governos progressistas na década de 2000, como os de Lula no Brasil e Néstor Kirchner na Argentina – este último responsável por anular a Ley del Punto Final e reabrir os processos de julgamento dos crimes cometidos pelos militares durante a última ditadura –, para uma fase conhecida como “Onda Azul”, marcada pela ascensão de governos de extrema direita. Esse novo ciclo político foi impulsionado por eventos como o impeachment de Dilma Rousseff, que abriu caminho para Michel Temer e, posteriormente, Jair Bolsonaro assumir o poder no Brasil, além da eleição de Mauricio Macri e, mais recentemente, Javier Milei na Argentina.

Para a consolidação da “Onda Azul”, foram utilizadas estratégias políticas pós-modernas, amplamente disseminadas pelos principais canais de comunicação, com a propagação em massa de notícias falsas em escala global. Esse movimento faz parte do que se denomina “Guerra Cultural”, na qual a imagem se transforma em um valioso capital dentro da chamada “sociedade do espetáculo” (DEBORD, 1967). Essa dinâmica se manifesta em diversas esferas, desde o cinema até plataformas digitais como o Instagram. O impacto desse novo modo de produzir e consumir conteúdo audiovisual tem provocado um realinhamento hegemônico de poder. A “Guerra Cultural”, portanto, representa uma tentativa da extrema direita de estabelecer um diálogo simplificado com a população sobre questões complexas e abrangentes, buscando influenciar a opinião pública de forma eficaz.

Mentiras e manipulações não são estratégias políticas recentes. Um exemplo é o Plano Cohen, elaborado pelo general Olímpio Mourão, que alegava a iminência de um golpe comunista contra o governo de Getúlio Vargas em 1937. Esse suposto perigo serviu como pretexto para a suspensão dos direitos constitucionais e a instauração da ditadura do Estado Novo. No entanto, o que exige análise é como essas estratégias políticas continuam sendo utilizadas na era atualista. A diferença que se tem das antigas *fake news* para as atuais são as

escalas de produção e o direcionamento dos algoritmos para públicos alvos já bem estabelecidos.

Durante as eleições presidenciais de 2018, marcadas por uma intensa polarização entre os grupos antagônicos representados por Haddad (PT) e Bolsonaro (PSL), a manipulação de informações desempenhou um papel decisivo na vitória de Bolsonaro. Um exemplo emblemático foi o caso da chamada "Mamadeira de Piroca". Em um vídeo de menos de um minuto, publicado em 25 de agosto de 2018, uma pessoa exibia uma mamadeira com um bico em formato de pênis humano, alegando que o objeto estava sendo distribuído pelo PT em creches brasileiras como parte de um suposto esforço para "acabar com a homofobia". O conteúdo viralizou rapidamente, alcançando quase 3 milhões de visualizações nas primeiras 48 horas, e contribuiu para a construção de um clima de pânico moral que enfraqueceu significativamente a campanha do Partido dos Trabalhadores.

No contexto das eleições presidenciais de 2023 na Argentina, as *fake news* concentraram-se em atacar a integridade do sistema de votação, uma estratégia semelhante à adotada por Donald Trump nos Estados Unidos e por Bolsonaro no Brasil. Milei alegou ter sido vítima de fraude eleitoral no primeiro turno – embora sem apresentar provas substanciais para sustentar a acusação –, no qual o candidato opositor, Sergio Massa, saiu vitorioso. Considerando que tanto na Argentina quanto nos Estados Unidos o sistema de votação é baseado no voto impresso – modelo defendido pelo bolsonarismo como mais confiável –, e contrastando com o Brasil, que utiliza urnas eletrônicas, pode-se concluir que a intenção por trás das alegações de fraude não está relacionada à confiabilidade do sistema eleitoral, mas sim a uma tentativa de desestabilizar o adversário político e evitar uma derrota eleitoral por meio de uma estratégia desesperada. A mesma lógica aplica-se ao caso da "Mamadeira de Piroca".

Esse deslocamento ideológico, consolidado pela “Onda Azul”, não apenas reflete uma guinada política, mas também inaugura uma nova dinâmica de disputa pelo poder simbólico na região. A utilização de notícias falsas e narrativas simplificadas como instrumentos de manipulação em massa evidencia o protagonismo da comunicação audiovisual na construção de imaginários sociais. Nesse contexto, a extrema direita redefine as formas de engajamento político, empregando métodos que se apropriam da velocidade e da escala da era digital para alcançar públicos-alvo com mensagens estratégicas.

1.2 Identidades Predatórias e a “Guerra Cultural”

O conceito de "identidades predatórias", desenvolvido pelo antropólogo Arjun Appadurai, está ligado à "Guerra Cultural" descrita por James Hunter (1991) - refere-se aos conflitos e tensões gerados por transformações culturais que radicalizam debates políticos. No contexto dos Estados Unidos dos anos 1980, esses embates giraram em torno de valores tradicionais, como da civilização cristã ocidental (conservadores), e valores progressistas (liberais), envolvendo temas como costumes, tabus sociais e a hegemonia cultural. De acordo com Appadurai, essas identidades são moldadas pela necessidade de eliminar grupos considerados uma ameaça à sua hegemonia, baseadas no medo de que a maioria dominante se torne minoria se outros grupos sociais não forem suprimidos. Essas forças predatórias alimentam uma fantasia de uma padronização ideal, na qual qualquer grupo que não se enquadre nesse padrão é visto como uma falha que precisa ser corrigida para manter uma integridade nacional almejada. Essa dinâmica, portanto, reflete uma tentativa de preservar um status quo que favorece a dominação de um grupo sobre os outros, muitas vezes à custa da diversidade e da inclusão social (APPADURAI, 2009).

Nesse contexto, as “Guerras Culturais” representam uma reação conservadora às mudanças sociais e morais, especialmente no que se refere aos direitos de grupos marginalizados. Uma das principais engrenagens desse processo é a polarização política, presente em grande escala no Cone Sul, acentuada pela internet e pelos algoritmos, que funcionam como potentes difusores das chamadas “ideias de guerrilha”, ou “estratégias de guerrilha comunicacional”, caracterizadas pelo uso intensivo de memes, desinformação e ataques coordenados (ROCHA, 2020).

Como ponto de partida para a análise, desenvolvo aqui o conceito de memória, tomando como base as reflexões de Pierre Nora (1993) Para o autor, a memória é um fenômeno vivo, enraizado nos grupos sociais, que atua como um marco testemunhal de uma era passada. Ela busca eternizar certas experiências no presente, conferindo-lhes uma sensação de continuidade, ainda que seja permeada por uma dialética constante entre lembrança e esquecimento. Essa dinâmica a torna vulnerável às transformações, usos e manipulações do tempo e das narrativas que lhe são atribuídas. Nora distingue memória e história, indicando que a memória está vinculada à vida, sendo constantemente atualizada

pelos grupos sociais, sujeita às transformações, esquecimentos e manipulações. Já a história se caracteriza como uma tentativa sempre incompleta e problemática de reconstrução do passado, lidando com o que já não existe mais. Enquanto a memória busca um absoluto, a história opera no campo do relativo (NORA, 1993).

Enquanto a história busca estudar eventos de forma crítica e metodológica, a memória opera como um fenômeno emocional e identitário, sujeito a reinterpretações e instrumentalizações. É por meio da memória que grupos sociais selecionam, reinterpretam e projetam suas experiências coletivas, muitas vezes carregando implicações ideológicas e culturais que moldam a visão de mundo de uma sociedade. Seguindo o pensamento de Nora, é possível distinguir entre uma memória social, que emerge de forma espontânea e orgânica dos grupos, e a história, que, embora busque reconstruir o passado, está condenada à incompletude e ao esquecimento. Essa tensão entre memória e história reflete-se especialmente em contextos de passados traumáticos, onde a memória pode ser manipulada para apagar, distorcer ou reafirmar narrativas, enquanto a história tenta, de forma problemática, resgatar o que foi perdido, silenciado, ou alterado, como no caso a seguir.

Grupos influentes, como o Brasil Paralelo, inspirados no Olavismo, promovem uma revisão histórica distorcida em relação à historiografia oficial, utilizando a manipulação da linguagem como tática, sem se preocuparem com a veracidade dos fatos. Fundada em 2016, a Brasil Paralelo alega ter um foco educativo e sem viés político. “A Brasil Paralelo não é de extrema direita ou de extrema esquerda, nem liberal ou progressista. Preocupa-se com a busca da verdade e há liberdade na busca da verdade” (Brasil Paralelo, 2022)

Contraditoriamente, documentários como *Impeachment: do Apogeu à Queda* (2017) apresentam uma produção midiática que combina imagens históricas com um discurso de caráter revisionista¹. A narrativa sugere, de maneira supostamente documental (o que confere maior credibilidade perante os internautas) que a vitória do PT em 2002 foi resultado de um plano orquestrado entre Lula e Fernando Henrique Cardoso para instaurar uma ideologia socialista no Brasil. Essa construção narrativa reforça a ideia de uma conspiração de longa data voltada para a implantação do comunismo no país. Ao sustentar essa teoria, o documentário intensifica o sentimento de pânico moral, fomentando a percepção de um

¹ O termo “revisionismo” é muitas vezes associado a tentativas de alterar a historiografia oficial sem uma base científica sólida. No entanto, vale ressaltar que o revisionismo também pode ser uma prática válida no campo da história, quando historiadores revisitam fontes e interpretam eventos de uma nova maneira, com base em novas

evidências ou perspectivas. Ou seja, a diferença está na oficialidade da revisão e como ela foi estabelecida

inimigo interno que supostamente ameaça a nação e que, no momento da produção, estaria ocupando a presidência.

Dessa forma, a obra legitima discursos de ódio e polarização, contribuindo para um cenário político em que o medo é deliberadamente utilizado como ferramenta de controle social. Além de distorcer fatos históricos, essa abordagem instrumentaliza a memória coletiva, promovendo uma atmosfera de desconfiança e hostilidade que aprofunda as divisões na sociedade brasileira.

Na Argentina, um canal *"El Presto"*, fundado por Eduardo Miguel Prestifilippo em 2015, tem um enfoque em jornalismo político conservador e crítico das políticas de esquerda, especialmente do Kirchnerismo. Em 2020, Prestifilippo enfrentou processos judiciais por ameaças de morte contra a ex-presidente Cristina Kirchner. Além disso, suas entrevistas iniciais incluem figuras polêmicas, como o ex-ditador Jorge Rafael Videla, conhecido por liderar o regime militar responsável por graves violações de direitos humanos, o que inclui desaparecimentos forçados, torturas e assassinatos de opositores políticos. "Você não vai sair viva deste levante social. Você será a primeira — junto com suas crias políticas — a pagar por todo o dano que causaram. Seu tempo está acabando" (PRESTO, 2020, tradução nossa)².

Quando questionado sobre a ameaça, o criminoso disse que se tratava de um equívoco e que se referia apenas a uma morte política³.

²ELITORAL. Detuvieron a "El Presto", o youtuber que amenizou Cristina Kirchner pelo Twitter. *El Litoral*, 2020. Disponível em: https://www.ellitoral.com/politica/detuvieron-presto-youtuber-amenazo-cristina-kirchner-twitter_0_Cd9UIwwZl9.html. Acesso em: 6 jan. 2025.

³GAZETA DO POVO. Influenciador que tuitou que Kirchner "não vai ficar viva" é preso. *Gazeta do Povo*, 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/breves/influenciador-que-tuitou-que>

[-kirchner -nao -vai -ficar -viva -e -preso/](#).

Figura 1: El Presto e Videla



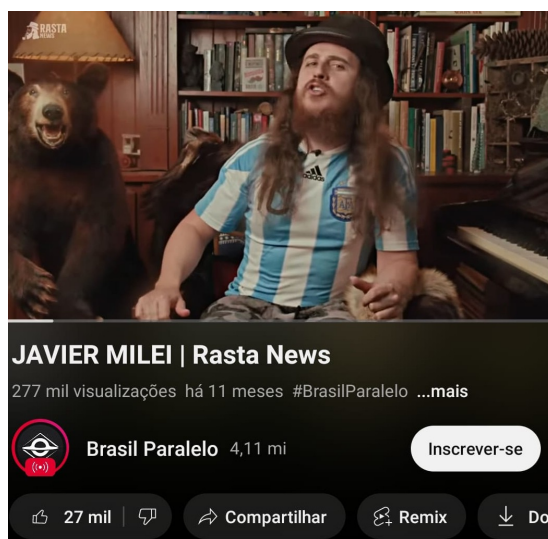
Fonte:

<https://www.pagina12.com.ar/291392-la-foto-con-videla-que-prestofelippo-guardaba-en-su-cuarto>

“Atualmente, há mais de 14 repressores processados, entre eles Jorge Rafael Videla, em um processo no qual se considera que a apropriação de menores foi uma prática sistemática durante a última ditadura. As Avós da Praça de Maio calculam que foram 500 as crianças sequestradas junto com seus pais ou que nasceram durante o cativeiro de suas mães e, posteriormente, foram apropriadas. Até o momento, conseguiram esclarecer 117 casos” (Argentina, 1984, p. 152 tradução nossa).

O cenário do canal *El Presto* é cuidadosamente elaborado para transmitir credibilidade, utilizando um escritório formal, com livros e uma estética que lembra programas como os da Brasil Paralelo. A estratégia de comunicação frequentemente utiliza o humor como ferramenta para criticar figuras e políticas da esquerda argentina, criando uma narrativa polarizadora que busca mobilizar seus seguidores em torno de um discurso antikirchnerista e antiesquerdista.

Figura 2: Rasta News



Fonte:

Youtube:

<https://www.youtube.com/watch?v=d0CNuajv3do>

Figura 3: El Presto e o Peronismo



Fonte Youtube: https://www.youtube.com/watch?v=h023h6_YXUQ

Em síntese, a análise de grupos como o Brasil Paralelo e o El Presto revela como a memória histórica é instrumentalizada para fins políticos, especialmente no contexto da ascensão da extrema direita, em um ambiente digital e em larga escala. Por meio de narrativas distorcidas, manipulação simbólica e estratégias de comunicação que misturam humor, pânico

moral e revisionismo histórico, esses grupos promovem uma visão polarizada do passado,

legitimando discursos de ódio. Nesse cenário de “Guerra Cultural”, as identidades predatórias emergem como ferramentas de mobilização, transformando diferenças em antagonismos irreconciliáveis.

Por fim, este capítulo procurou demonstrar que a transição da “Onda Rosa” para a “Onda Azul” na América Latina não pode ser compreendida apenas como uma alternância política tradicional, mas como parte de um processo mais amplo de reconfiguração das identidades políticas e culturais na região. A ascensão de Bolsonaro e Milei evidencia como as novas direitas neopopulistas mobilizam discursos de “Guerra Cultural” e constroem identidades predatórias, alimentando a polarização e a deslegitimação dos consensos democráticos anteriores. Ao instrumentalizar memórias seletivas e explorar estratégias comunicacionais características da cultura digital, essas lideranças lograram consolidar uma base política que transcende as tradicionais categorias ideológicas.

No capítulo seguinte, será realizada uma análise das estratégias de comunicação digital utilizadas por Bolsonaro e Milei, com foco na forma como memes, *fake news* e conteúdos virais são mobilizados para construir suas imagens públicas e engajar emocionalmente suas bases de apoio.

CAPÍTULO 2. (ANTI) HERÓIS POLÍTICOS: NEOPOPULISMO E RECONFIGURAÇÕES POLÍTICAS NO CONE SUL: DA CRUZADA BOLSONARISTA À ASCENSÃO DE MILEI

Este capítulo examina, de forma comparada, os processos de ascensão e consolidação da nova extrema direita neopopulista no Brasil e na Argentina, destacando a trajetória de Bolsonaro e a dinâmica política que, na Argentina, se desdobra em dois momentos: a presidência de Macri e a ascensão de Milei. A análise busca compreender como essas lideranças mobilizam discursos e estratégias comunicacionais que articulam revisionismo histórico, afetos políticos e a construção de inimigos simbólicos, com o objetivo de legitimar seus projetos e galvanizar o apoio popular.

Na primeira seção, explora-se a “cruzada” neopopulista conduzida por Bolsonaro, com foco em sua retórica confrontacional, nas práticas comunicacionais digitais e na instrumentalização da memória da ditadura. A segunda seção aborda a trajetória política argentina como um “populismo em dois atos”, investigando como a gestão de Macri abriu caminho para a emergência de Milei, cuja ascensão se apoia na negação seletiva dos legados das políticas de memória e na reconfiguração das narrativas sobre a ditadura militar. Já na terceira e última sessão, será abordado mais a fundo como o revisionismo e negacionismo atuam nas políticas de Bolsonaro e Milei, abordando suas diferenças e semelhanças, além de consequências para a memória histórica das ditaduras militares de seus respectivos países. A partir dessa perspectiva, o capítulo evidencia como, em ambos os países, a cultura digital e as disputas em torno da memória histórica se tornaram elementos centrais na conformação da nova extrema direita.

2.1 A Cruzada do neopopulismo no Brasil

*“Eu Não sou besta pra tirar onda de Herói
sou vacinado, eu sou cowboy...”*
(Cowboy Fora da Lei, Raul Seixas)

O populismo, conforme definido por Laclau, é uma lógica política que rompe com a ordem estabelecida, questionando as normativas políticas vigentes, como a confiança no sistema eleitoral, e buscando a criação de uma nova organização social e política. Por ser uma lógica ampla e sem uma definição precisa, a análise do populismo exige uma reflexão sobre o contexto em que se manifesta, considerando as especificidades sociais e ideológicas em jogo. Laclau (2005) também aponta que, ao se entrelaçar com os direitos democráticos, o populismo pode, simultaneamente, se aproximar de tendências autoritárias, frequentemente materializadas em uma liderança carismática. Esse ponto é crucial para entendermos como o populismo, ao longo do tempo, evolui e se adapta, dando origem ao que hoje conhecemos como neopopulismo, uma forma mais contemporânea, mas ainda conectada à lógica populista original.

A partir da década de 1990, o debate acadêmico global começou a reconhecer uma transformação no populismo, especialmente na América Latina, dando origem ao conceito de "neopopulismo" (PANIZZA, 2000). Diferentemente do populismo do século XX, o neopopulismo se caracteriza pelo uso intensivo das novas tecnologias de comunicação, com destaque para a internet e as mídias sociais. Essas ferramentas, que antes apenas complementavam a política tradicional, passaram a se tornar instrumentos estratégicos para a construção e manipulação de discursos políticos.

No cenário contemporâneo, as redes sociais desempenham um papel central na dinâmica política, permitindo que líderes neopopulistas se comuniquem diretamente com suas bases, moldando e distorcendo narrativas a seu favor. As eleições de Bolsonaro e Milei são exemplos ilustrativos desse fenômeno, onde o uso eficaz das redes sociais, aliado a estratégias como memes, *fake news* e publicações pessoais, foi fundamental para consolidar e fortalecer suas campanhas. Esses elementos revelam como o neopopulismo se reinventa, utilizando as

ferramentas digitais para amplificar sua mensagem e mobilizar apoio, fenômeno que será analisado a seguir.

O discurso mobilizador do neopopulismo na América Latina, especialmente no Brasil e na Argentina, está enraizado no ódio à chamada "política tradicional", representada pelo Partido dos Trabalhadores e o Kirchnerismo. Essa política é retratada como corrupta, elitista e afastada das necessidades reais do povo, sendo associada à figura do "colarinho branco" que privilegia interesses próprios em detrimento do bem comum.

Nesse cenário, a “Onda Azul” emergiu como uma resposta a essa percepção de corrupção endêmica, posicionando-se como os "heróis da nação", prometendo uma ruptura com o sistema anterior. Um dos principais objetivos desse movimento é dialogar diretamente com o público jovem, utilizando uma linguagem violenta e direta muitas vezes disseminada por meio de estratégias digitais e redes sociais. Essa catequização para a nova extrema direita envolve a criação de um inimigo comum, mobilizando sentimentos de pânico moral e medo de uma inversão dos valores tradicionais. Assim, a extrema direita se apresenta não apenas como uma alternativa política, mas como um movimento de salvação nacional, prometendo restaurar uma suposta ordem perdida.

Depois de uma década no poder, o Partido dos Trabalhadores deixou de representar os desejos da população e tornou-se alvo de ataques em 2015. As Jornadas de Junho de 2013 representaram um marco importante nesse processo, ao expressarem um mal-estar social difuso e uma insatisfação generalizada com a classe política, inicialmente motivadas por reivindicações contra o aumento das tarifas de transporte público, mas rapidamente ampliadas para pautas mais diversas, incluindo críticas à corrupção, aos gastos com a Copa do Mundo e à ineficiência dos serviços públicos. Embora tenham começado com forte participação de movimentos progressistas, as manifestações passaram a ser gradualmente capturadas por setores conservadores e antipetistas, que canalizaram a insatisfação popular em direção à deslegitimação do governo Rousseff.

Os primeiros pedidos de impeachment da presidente começaram a ganhar força logo após a derrota de Aécio Neves nas eleições de 2014. Nesse contexto, o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) solicitou uma auditoria das urnas eletrônicas, alegando a necessidade de comprovar que não houve fraude eleitoral por parte do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). A petição citava “denúncias” e desconfianças amplamente disseminadas na

internet e redes sociais, argumentando que a sociedade estava questionando a veracidade dos resultados e que a auditoria era essencial para assegurar a “confiança do povo brasileiro” no processo eleitoral. Esse discurso, que apelava para a ideia de uma crise de confiança nas instituições democráticas, foi posteriormente ecoado por Bolsonaro em 2022, após a vitória de Lula. “Basta uma pequena análise na internet para ver que surgem dúvidas de todos os lados. Defendemos que se faça a auditoria para restabelecer a credibilidade do sistema.”⁴

Deflagrada em 2015, a Operação Lava Jato, inspirada na operação italiana “Mãos Limpas” - descrita por Sérgio Moro como uma cruzada jurídica exitosa (PEREIRA, 2021) - foi apresentada como uma iniciativa emblemática, voltada a investigar esquemas de corrupção envolvendo a Petrobras e os principais partidos políticos durante o mandato da então presidente Rousseff. Sob a condução do juiz de primeira instância Sérgio Moro, a operação foi construída em torno de uma narrativa de purificação moral e política, consolidando um imaginário social em que o sistema judiciário era percebido como um herói nacional. A Lava Jato foi frequentemente marcada por espetacularização midiática, que não apenas enfraqueceu a confiança nas instituições democráticas, mas também serviu como trampolim para projetos políticos alinhados à extrema direita, consolidando o ódio como ferramenta de mobilização. O uso estratégico da mídia, que acolheu e amplificou as narrativas de Moro, foi central para o êxito da operação em conquistar apoio público e moldar o cenário político nacional.

O conceito de "herói" no audiovisual refere-se a uma narrativa simplificada e de fácil compreensão, geralmente estruturada em torno de um padrão narrativo bem definido. O termo é comumente utilizado para descrever o protagonista de uma trama dramática, cuja trajetória está ligada a um ideal de superação e redenção. Em uma perspectiva inspirada nas narrativas gregas, o herói ocupa uma posição intermediária entre o divino e o humano, dotado de poderes semidivinos que o capacitam a desempenhar o papel de salvador, responsável por conduzir a humanidade à redenção ou à salvação coletiva. “O Herói é o campeão do bem, o restaurador da ordem, por vezes até o ‘polícia’ do cosmos [...] Os homens têm uma necessidade interior de heróis.” (MARNY, 1970, p123, grifo meu).

Em 2015, a construção da imagem de Moro como um herói nacional foi reforçada por diversas manifestações midiáticas. Um exemplo é a capa de uma das revistas mais influentes

⁴PSDB. Justificativa do pedido pelo advogado da campanha do PSDB em 2014. *GI*, 2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2014/10/psdb-pede-ao-tse-auditoria-para-verificar-lisura-da-eleicao.html>

do país, que o retratou como o "salvador do Brasil", personificando a esperança no combate à corrupção (ver na imagem 4) . Outro símbolo foi o boneco inflável de 12 metros, apelidado de "Super Moro", resultado da mobilização de empresários e agricultores do Mato Grosso⁵. Esse objeto materializa a idealização do juiz como uma figura redentora e reforça sua centralidade na narrativa construída em torno da Operação Lava Jato, como podemos ver abaixo nas capas da Revista Veja.

Em 2020, o ex-presidente Bolsonaro fez uma declaração ao afirmar que o coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra⁶, ex-chefe do DOI-CODI, era um “herói nacional”⁷. O episódio do clamor da memória de Ustra, não foi inédito. Em 2016, durante a votação do impeachment de Rousseff, Bolsonaro trouxe novamente o nome de Ustra à tona, evocando sua memória como símbolo de enfrentamento, ao afirmar que ele era "o pavor de Rousseff". Além disso, durante o documentário *Democracia em Vertigem*, Bolsonaro se autointitula herói, mesmo admitindo que é visto como fascista.

5

<https://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2016/04/advogado-mobiliza-vaquinha-e-faz-bonecao-de-super-moro-e-m-mt.html>

⁶ Ustra foi responsável pela repressão política durante o regime militar de 1964, sendo acusado de torturas e violações de direitos humanos. Entre suas vítimas está a ex-presidente Dilma Rousseff. De acordo com a Comissão Nacional da Verdade (CNV), entre setembro de 1970 e janeiro de 1974, período em que Ustra esteve à frente do DOI-CODI de São Paulo, ocorreram ao menos 45 mortes e desaparecimentos forçados sob a responsabilidade da unidade. (BRASIL, 2014, p. 884) A CNV documentou sua participação direta em prisões arbitrárias, torturas, execuções, desaparecimentos forçados e ocultação de cadáveres. Em audiência pública da Comissão, Ustra confirmou que, enquanto instrutor da Escola Nacional de Informações (EsNI), confeccionou material sobre técnicas de repressão, incluindo uma apostila intitulada “*Cobertura de ponto e neutralização de aparelhos*”. Segundo o documento, interrogatórios iam além da mera coleta de informações, sendo “graduados em intensidade” à medida que as sessões avançavam. (BRASIL, 2014, p 141)

⁷G1. Bolsonaro chama coronel Ustra de herói nacional. *G1*, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/08/08/bolsonaro-chama-coronel-ustra-de-heroi-nacional.ghtml>.

Figura 4: O (anti) herói Moro



Fonte: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/moro-esta-sendo-escarrado-por-quem-o-fez-heroi-falta-agora-a-autocritica-da-midia-por-kiko-nogueira/>

A construção de narrativas heróicas, embora aparentemente inocentes ou até inspiradoras, pode servir a propósitos políticos complexos. Ao misturar justiça, espetáculo e manipulação histórica, a Lava Jato, junto com os clamores de Bolsonaro, ilustram a fragilidade das democracias diante de discursos que prometem salvação, mas que podem levar à erosão dos valores democráticos e à glorificação de um passado autoritário.

2.2 O Populismo em Dois Atos: de Macri a Milei

Na Argentina, em 2015, observa-se um cenário semelhante ao do Brasil: Macri, eleito presidente e ex-prefeito de Buenos Aires, também adotou um discurso salvacionista, marcado pela oposição à "velha política" kirchnerista. Assim como no caso da ex-presidente Dilma, Cristina Kirchner também foi a primeira mulher eleita através do voto direto, para presidente. O partido de Macri, Proposta Republicana, (PRO) - um governo composto por CEOs e líderes empresariais - surge como um projeto político inovador e inédito na história do país, em discursos pautados no combate à corrupção. A base eleitoral macrista enxergou em Macri a oportunidade de derrota do Kirshnerismo. Em sua narrativa oficial, o PRO evita se autodenominar como um partido de “direita”, preferindo o rótulo mais genérico de “centro” e adotando um discurso chamativo pautado na mudança e esperança, como a resposta para os problemas internos (CASSAGLIA, 2022).

Seu discurso se fundamentou no otimismo e na promessa de redenção do país, que enfrentava um contexto de crise e recessão política, além dos altos índices de inflação. O discurso tinha como principal característica o fato de Macri ter assumindo o papel de protagonista e o kirchnerismo representando o antagonismo, depois de 12 anos de governo. Diferentemente do cenário brasileiro, na Argentina não houve um processo de golpe em 2016. A eleição de Macri ocorreu de forma democrática, por meio do voto direto para presidente, respeitando o tempo de mandato do governo Kirchnerista. Ao assumir a presidência, Macri consolidou, por meio de sua retórica baseada na ideia de uma "nova política salvacionista", a imagem de um herói nacional, ou a esperança para o contexto econômico do país.

A construção da figura de herói de Mauricio Macri, ao contrário da de Bolsonaro, não se apoia em figuras da última ditadura argentina nem em discursos que exaltam os ditadores como símbolos positivos. Entretanto, Macri foi criticado em 2016 pelo Organismo de Direitos Humanos por declarações revisionistas em relação à memória histórica da ditadura, além de sua postura em relação à impunidade dos crimes cometidos durante o período militar. Macri se referiu à última ditadura (1976-1983) como "Guerra Suja", termo utilizado pelos Estados Unidos na década de 1970 para descrever o conflito entre dois lados: os militares e as

guerrilhas de esquerda.⁸. O termo se relaciona diretamente com a chamada “Teoria dos dois demônios”. Segundo Franco (2014), a origem da “teoria dos dois demônios” na Argentina baseou-se na ideia de duas violências em confronto: as guerrilhas de esquerda e as Forças Armadas assumindo uma relação de ação e reação entre forças, atribuindo também à esquerda a responsabilidade da violência. Não obstante, Macri também colocou em dúvida a respeito do número de desaparecidos durante o período militar da última ditadura: “*“Não fazia ideia. É um debate no qual não vou entrar — se foram 9 mil ou 30 mil, se são os que estão registrados numa parede ou muitos mais. Me parece uma discussão sem sentido.”*”(Macri, 2016. Tradução nossa). Complementando:

(...)..Entre outros, a localização de 340 centros clandestinos de detenção distribuídos por todo o país e a existência de dezenas de milhares de nomes de pessoas sequestradas, das quais 8.960 continuam desaparecidas. Com o passar dos anos, essas denúncias aumentaram. As organizações de direitos humanos estimam que sejam 30 mil os desaparecidos — um número aterrador, inclusive se comparado a ditaduras como a do Brasil, que deixou um total de 135 vítimas. (...) (Argentina, 1984, p14, tradução nossa.)

Contrariamente ao ex-presidente Bolsonaro, Macri não adota uma postura negacionista em relação ao golpe de 1976, reconhecendo a sua ocorrência⁹. A característica marcante do governo Macri, no entanto, é o descaso com o passado e a hipervalorização do futuro. O macrismo, caracterizado por uma política de esquecimento e desvalorização do passado, priorizou uma visão presentista e futurista. É importante destacar que essa postura não se limitava apenas aos funcionários e intelectuais ligados ao movimento. Em fevereiro de 2020, Andrea Rabolini, nomeada pelo governo de Alberto Fernández como diretora do Museu da Casa Rosada, afirmou: “Na Argentina existe um excesso de passado. Nós queremos um museu que olhe para o presente e para o futuro com neutralidade e abertura, um museu inclusivo e de todos os argentinos” (Gigena, 2020).

⁸G1. Organismos humanitários questionam fala de Macri sobre a ditadura argentina. *G1*, 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/08/organismos-humanitarios-questionam-fala-de-macri-sobre-ditadura-argentina.html>

⁹ Vale esclarecer que, ao mencionar o ‘negacionismo’ em relação a Bolsonaro, não se está fazendo referência à negação do período militar, o qual Bolsonaro reconhece e demonstra um evidente orgulho e saudosismo. O que está em questão é uma reestruturação semântica desse período histórico. Bolsonaro reformula o termo, rejeitando a nomenclatura ‘ditadura’ e impondo a ideia de que se tratou de uma “revolução”.

Dessa forma, o macrismo buscava apagar parte significativa da história argentina do século XX, especialmente aquela que ainda mantinha influência, com o objetivo de construir um futuro distinto e redefinir a narrativa histórica do país. (WASSERMAN, 2023). A mesma estratégia é utilizada na Argentina atual. O governo de Milei tem demonstrado uma clara hipervalorização do futuro, um enfoque intenso em transformações econômicas e sociais que prometem moldar a Argentina para os próximos anos, mas cujos efeitos imediatos têm sido sentidos com dureza pela população. Essa abordagem se reflete nas suas políticas agressivas de desregulamentação, cortes e ajustes, que, em sua essência, parecem procurar uma radical reinvenção do país, apostando no que virá, muitas vezes à custa do presente da população.

O governo de Macri entrou em crise devido a uma gestão econômica ineficaz, marcada pela adoção de um modelo baseado na desregulamentação e na redução do papel do Estado, inspirado na economia australiana. A dependência do setor privado argentino em relação ao dólar intensificou a dolarização da economia e agravou a vulnerabilidade financeira do país, contribuindo para a retomada do Peronismo em 2019 e para a ascensão política de Milei (PALACIO, 2019).

Essa lógica discursiva também se manifesta na retórica heroica de Javier Milei, que, em outubro de 2024, publicou em suas redes sociais uma imagem em que aparece caracterizado como Superman. A montagem reforça a construção de uma imagem messiânica e salvacionista, na qual o presidente se apresenta como um herói destinado a “salvar” a Argentina da chamada “casta política” (figura 5).

Figura 5: O *SuperMan* argentino



Fonte: Instagram: <https://www.instagram.com/p/DBjDmdCJddO/?igsh=amNrYzNiZHB5b2U4>

2.3 Memória, Negacionismo e Política: A Ascensão de Javier Milei e os Legados da Ditadura na Argentina

Macri tornou-se o primeiro presidente argentino a não alcançar a reeleição, fenômeno similar ao ocorrido com Bolsonaro no Brasil. Seu mandato foi sucedido, em 2019, pela vitória da coalizão kirchnerista, que levou Fernández (2019-2023) à presidência, tendo Cristina Kirchner como vice. Durante sua gestão, Macri implementou um plano econômico que visava à redução do protagonismo estatal e ao fortalecimento do setor privado. Entretanto, a dependência do setor privado argentino em relação à moeda estrangeira intensificou o processo de dolarização da economia. Ademais, a política econômica adotada resultou em uma redução do poder aquisitivo da população, decorrente da desvalorização cambial. Tais medidas agravaram a crise econômica argentina e minaram a confiança em seu governo, contribuindo para o cenário desfavorável que culminou na derrota eleitoral de 2019. (CORIGLIANO, 2018)

Desde o início de seu mandato, Fernández enfrentou desafios, incluindo uma crise inflacionária e os impactos da pandemia de COVID-19. Diferentemente de Bolsonaro, que relutou em adotar medidas rigorosas contra o vírus por temores econômicos, Fernández implementou rapidamente uma quarentena total, buscando conter a propagação da doença. No entanto, a crise econômica, já presente, foi agravada pela pandemia, resultando em uma recessão profunda. O Produto Interno Bruto (PIB) argentino sofreu uma retração histórica de 19% no segundo trimestre de 2020. O governo de Fernández ficou marcado pela deterioração econômica, aumento da inflação e crise cambial, fatores que intensificaram a perda de poder de compra da população — fatos esses que contribuíram para a vitória eleitoral de Milei (VACCAREZZA, 2023)

O governo de Milei apresenta-se com um discurso salvacionista, comprometendo-se a combater a corrupção e transformar a Argentina em um país próspero, reiterando uma narrativa pautada na promessa de um futuro idealizado. Suas propostas econômicas, que ecoam as políticas de Macri, incluem a privatização e a dolarização como pilares centrais,

enquanto sua postura revisionista em relação à última ditadura militar argentina revela paralelos com os discursos da extrema direita brasileira, evidenciando como o revisionismo pode ser instrumentalizado para reconfigurar memórias e legitimar agendas políticas.¹⁰

Durante as campanhas presidenciais de 2023, discursos do movimento La Libertad Avanza colocaram em xeque o número de desaparecidos da ditadura militar (1976-1983). Além disso, a vice-presidente de Milei, Victoria Villarruel, buscou reavivar a memória dos ditadores condenados por crimes contra a humanidade, através da Teoria dos Dois Demônios, alegando que eles estavam combatendo a tentativa de instaurar o comunismo no país, ou seja, mais uma vez, há o discurso de que o país foi salvo *“É hora de reivindicar aqueles que lutaram contra os grupos terroristas que tentaram instalar o comunismo na Argentina e que hoje estão presos injustamente por uma Justiça enviesada e manipulada pela esquerda”* (VILLARUEL, 2023)¹¹

Além do Tribunal de Nuremberg (1945-1946), que condenou crimes nazistas contra a humanidade, e do julgamento de 1975 que puniu os coronéis gregos responsáveis pelo golpe de Estado de 1967, o único precedente de porte semelhante foi o da Argentina em 1985. Nesse ano, em um tribunal civil, os nove líderes das três primeiras juntas militares que governaram o país após o golpe de 1976 foram julgados por crimes que incluíam homicídio e tortura. (MEMÓRIAS REVELADAS, 2023). Embora o processo tenha sido interrompido pela Lei de Ponto Final — que anistiava oficiais e militares de níveis médio e baixo na hierarquia (até ser declarada inconstitucional pela Suprema Corte de Justiça da Nação Argentina em 2005) —, foi possível consolidar uma memória de punição pelos crimes cometidos durante a ditadura, ao contrário do cenário brasileiro, que até hoje não puniu os responsáveis pelos crimes da ditadura.

¹⁰ O revisionismo, entendido como a prática de reexaminar, reinterpretar e reformular teses e narrativas consolidadas, é um processo inerente ao campo historiográfico, no qual fatos e eventos são revisitados a partir de novas evidências e contextos temporais. O conhecimento histórico é construído a partir da análise crítica dos documentos, e não de opiniões pessoais ou visões simplistas. Quando praticado de maneira responsável, o revisionismo contribui para o avanço do conhecimento histórico; no entanto, quando instrumentalizado para fins políticos, ele pode distorcer a memória coletiva e legitimar narrativas que atendem a interesses específicos, comprometendo uma compreensão crítica e contextualizada do passado

¹¹ G1. O vice de Javier Milei é tachado de negacionista da ditadura argentina. *G1*, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/blog/sandra-cohen/post/2023/09/07/vice-de-javier-milei-e-tachada-de>

[-negacionista -da -ditadura -argentina .ghml](#)

2.3 Gestões políticas da (não) memória

O revisionismo, em sua essência, consiste em uma ferramenta historiográfica analítica voltada para o estudo de um determinado passado. Ao contrário do uso distorcido que frequentemente se observa na atualidade, ele não implica apenas na negação arbitrária de fatos históricos, mas também na revisão fundamentada de interpretações prévias. Esse processo está intrinsecamente ligado à relação dinâmica entre passado e presente: à medida que novas culturas, costumes e ideias sociais emergem, o passado é reinterpretado para dialogar com as demandas contemporâneas (BRAGA, 2023).

Assim, a temporalidade histórica deve ser compreendida como um sistema vivo, em constante atualização, cujo revisionismo se alinha diretamente aos princípios da historiografia crítica. Por outro lado, tem-se também o revisionismo como um ato de caráter pejorativo, sem uma interferência historiográfica, ou seja, trata-se de uma revisão de fontes paralela, não oficial e sem embasamento científico.

As políticas de (não) memória das ditaduras militares no Brasil e na Argentina foram profundamente impactadas pelo negacionismo histórico promovido por figuras como Bolsonaro e Milei. Esse negacionismo não se restringiu a declarações explícitas ou discursos diretos, mas expandiu-se para estratégias digitais articuladas em plataformas como *YouTube*, *Instagram* e *Twitter*. Ao dialogar com seus públicos digitais, esses líderes encontraram um terreno fértil para disseminar narrativas que buscam diluir, justificar ou relativizar os crimes cometidos durante os períodos ditatoriais. Essa instrumentalização das redes sociais não apenas reforça o negacionismo, mas também redefine os valores e noções que sustentam a memória coletiva.

Como Maurice Halbwachs destaca em *Memória Coletiva* (1950), a reconstrução da memória não depende apenas da recordação isolada de eventos passados, mas da mediação de "dados ou noções comuns" compartilhados socialmente. Ao promover narrativas que distorcem ou omitem os fatos históricos, Bolsonaro e Milei fragmentam esses referenciais

coletivos, dificultando a construção de uma memória que reconheça os crimes das ditaduras

como parte integrante e inegável da história nacional. Dessa forma, o negacionismo não apenas nega o passado, mas também reconfigura o presente, minando as bases para uma consciência histórica crítica e compartilhada.

Observa-se, portanto, uma revisão histórica mais acentuada, evidenciando uma disputa memorial contínua e dinâmica em relação ao passado, que é constantemente atualizado (PEREIRA; ARAUJO, 2021). De forma dual, essa narrativa promove a negação da ditadura militar, substituindo-a pela noção de uma “revolução”, ao mesmo tempo em que busca legitimar esse período por meio de justificativas baseadas em supostos anseios democráticos.

Segundo a Rede Latino-Americana e do Caribe de Sítios de Memória (RESLAC), a Argentina destaca-se por suas iniciativas de preservação e reflexão sobre esse período histórico. O país conta com 11 instituições de preservação memorial, dentre elas o museu da memória Ex Centro Clandestino de Detenção, Tortura e Extermínio (ESMA). A ascensão de Milei, no entanto, representa um desafio a essa memória consolidada, colocando em evidência a fragilidade da narrativa histórica e o surgimento de discursos revisionistas que questionam ou relativizam os horrores do passado autoritário.

Já o caso brasileiro é caracterizado por uma memória moldada pela Lei da Anistia de 1979, que consolidou um padrão memorial centrado no perdão e no esquecimento, tornando-o profundamente arraigado e resistente a reconfigurações. Esse marco histórico permitiu que as responsabilidades do regime autoritário fossem diluídas em nome de uma suposta pacificação nacional, criando condições para a perpetuação de narrativas que relativizam ou negam os abusos cometidos durante a ditadura. O país, em relação às políticas de preservação memoriais argentinas, conta com apenas 7 instituições de preservação memorial. Durante o governo de Bolsonaro, essa lógica foi intensificada por uma política de memória estruturada no negacionismo e na construção de uma identidade popular em torno de sua figura, que evocava uma idealização do período militar.

Sob o discurso de "resgatar uma antiga política" e combater a corrupção, Bolsonaro reativou memórias seletivas que associavam o regime de 1964 a estabilidade, ordem e progresso, ignorando ou distorcendo fatos históricos sobre as violações de direitos humanos cometidas pelo Estado. Considerando os desdobramentos de seus atos durante o segundo ano do governo Lula, em 2024, especialmente no contexto da tentativa de golpe, torna-se evidente

como determinadas narrativas de memória são manipuladas para fins políticos e ideológicos. (MARCELLO NETO, 2023)

Entretanto, como destaca Mateus Pereira (2022) não se pode afirmar que a justiça de transição incompleta seja a única responsável pela instabilidade democrática que vivemos atualmente. Em uma análise comparativa, observa-se que a Argentina, mesmo após reabrir o processo de julgamento dos crimes da ditadura em 2005, ainda enfrenta desafios democráticos.

A ascensão do neopopulismo em relação às memórias das últimas ditaduras militares no Brasil e na Argentina não é o único fator determinante para a consolidação do neopopulismo nos países do Cone Sul. A atuação recente da extrema direita neopopulista ainda está em fase de diagnóstico. Surgindo em um intervalo inferior a duas décadas, esse fenômeno político apresenta um cenário historiográfico em construção, caracterizado por mais hipóteses do que respostas consolidadas ou soluções definitivas. Dessa forma, torna-se evidente que a ascensão do neopopulismo está inserida em um contexto mais amplo, que articula variáveis sociais, econômicas e culturais, indo além das memórias traumáticas deixadas por regimes autoritários.

Por fim, a análise desenvolvida neste capítulo evidencia que, embora Bolsonaro e Milei atuem em contextos nacionais distintos, suas trajetórias políticas são atravessadas por estratégias neopopulistas convergentes: a deslegitimação das elites políticas tradicionais, a mobilização afetiva de suas bases por meio das redes sociais e a manipulação seletiva da memória histórica. No Brasil, a “cruzada” bolsonarista aprofundou a cultura de impunidade oriunda da transição democrática, enquanto, na Argentina, a trajetória do “populismo em dois atos” revela como a gestão de Macri fragilizou parte dos avanços das políticas de memória e justiça, criando as condições para a ascensão de Milei e para o retorno de discursos revisionistas e negacionistas.

CAPÍTULO 3. ESTRATÉGIAS POLÍTICAS NAS REDES: ENTRE O BOLSONARISMO E O MILEÍSMO

Este capítulo busca analisar as estratégias políticas adotadas por Bolsonaro e Milei no ambiente digital, considerando a centralidade das redes sociais como instrumentos contemporâneos de propaganda e mobilização política. A partir da concepção de “redes de influência” (CASTELLS, 2009) como espaços privilegiados para a construção de lideranças populistas e a difusão de discursos polarizadores, exploram-se as maneiras pelas quais ambos os líderes mobilizaram práticas comunicacionais orientadas para a ampliação de suas bases de apoio, a deslegitimação de adversários e a reconfiguração do debate público.

O capítulo se organiza em três seções. Na primeira, discutem-se as redes de influência como ferramentas políticas, destacando o papel da internet na disseminação de ideologias e na formação de comunidades digitais alinhadas a projetos autoritários ou ultraliberais. Na segunda, realiza-se uma análise comparativa entre os casos de Bolsonaro e Milei, evidenciando tanto suas convergências — como o uso intensivo de estratégias de comunicação direta, memes e discursos antissistêmicos — quanto suas especificidades contextuais e discursivas. O objetivo é demonstrar como as redes sociais não apenas mediarão, mas constituirão as próprias bases dos projetos políticos de Bolsonaro e Milei, funcionando como catalisadores de processos de radicalização e polarização política em seus respectivos países.

3.1 : Redes de influência como propaganda política

Há o debate sobre se o ambiente *online*, com sua comunicação predominantemente não verbal, e se ela pode proporcionar um nível de confiança equivalente ao da interação presencial, já que a comunicação digital carece de elementos fundamentais, como tom de voz, postura corporal e expressões faciais. Desde seu surgimento, o espaço digital tem sido alvo de desconfiança e ceticismo, frequentemente descrito como "superficial" e "propenso a equívocos", reforçando a ideia de uma comunicação percebida como incerta e limitada. Essa percepção está associada à noção de que o meio *online* seria incapaz de transmitir aspectos essenciais do diálogo, como as nuances não verbais, que desempenham um papel crucial na construção de entendimento mútuo e confiança (KOZINETS, 2014).

Contudo, o público virtual, em destaque para a geração Z (nascidos aproximadamente entre 1995 e 2010), que cresceram em um contexto de intensa digitalização e conectividade *online*, tem demonstrado a capacidade de superar essas limitações, utilizando ferramentas como emojis, vídeos, *stories* e *reels* para transmitir nuances emocionais e expressões não verbais com maior eficácia.¹²

O foco principal deste capítulo é analisar as atividades no Instagram de Bolsonaro e Milei, além de explorar as interações de suas comunidades *online* e o impacto dessas dinâmicas em outros aspectos da vida cotidiana de seus seguidores, como práticas culturais e comportamentos sociais. Ou seja, trata-se de uma análise de vínculo e relação com os atores em foco.

A escolha pelo Instagram como objeto central de análise se justifica pela centralidade que essa plataforma adquiriu nas estratégias de comunicação política contemporâneas, especialmente entre públicos mais jovens, como a Geração Z. Diferentemente de outras redes sociais, como o Facebook — que tem apresentado um declínio no engajamento entre os mais jovens — Além disso, ao privilegiar conteúdos como imagens, vídeos curtos e *stories*, o Instagram permite uma conexão direta e emocional com os seguidores, moldando práticas de identificação e mobilização política de forma singular. Por essas razões, esta rede oferece um

¹² *Stories* são publicações de curta duração, com permanência de 24 horas na plataforma. Esse formato prioriza conteúdos mais espontâneos, dinâmicos e, muitas vezes, não necessariamente autorais, podendo incluir repostagens, registros cotidianos ou interações rápidas. Já os *reels* consistem em vídeos curtos, de formato semelhante ao do TikTok, com duração maior do que os *stories*, podendo chegar até 90 segundos. Esse recurso é pensado para gerar maior alcance e engajamento, uma vez que, diferentemente dos *stories*, os *reels* ficam fixos

no perfil e não possuem limite de tempo para serem removidos

terreno especialmente fértil para investigar as formas contemporâneas de propaganda política e construção de comunidades digitais em torno dessas lideranças.

Além disso, a escolha pelo Instagram está diretamente relacionada à minha experiência pessoal, ou seja, sou usuária ativa da plataforma e tenho um perfil com expressivo número de seguidores¹³ (1.526). Esse conhecimento prático e aprofundado sobre os mecanismos de funcionamento do Instagram — como algoritmos de visibilidade, estratégias de engajamento, recursos interativos e dinâmicas próprias de criação e circulação de conteúdo — constitui um aspecto fundamental para a realização desta pesquisa, que adota a netnografia como principal abordagem metodológica. A imersão cotidiana na plataforma me confere uma perspectiva privilegiada para a observação participante, permitindo não apenas o monitoramento das atividades de Bolsonaro e Milei, mas também a compreensão das interações e significados compartilhados pelas comunidades digitais que orbitam essas lideranças. Assim, a familiaridade com o ambiente analisado não apenas legitima a escolha metodológica, como também potencializa a qualidade e a profundidade das interpretações produzidas ao longo deste estudo.

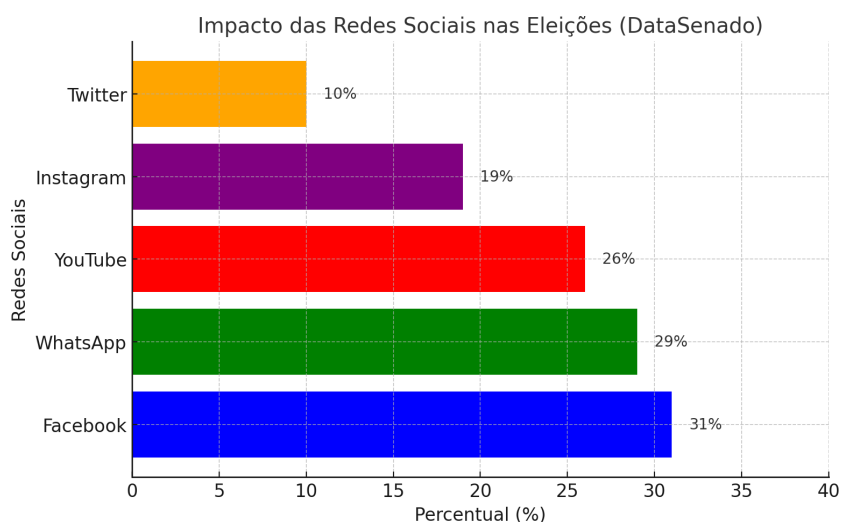
A era digital pode ser definida pela constante atualização de (des)informações nas redes sociais, onde a percepção do real é transmitida por uma sucessão contínua de eventos presentes. Nesse ambiente, as ideologias são moldadas por narrativas instantâneas que frequentemente reforçam discursos polarizadores. A “era atualista” (PEREIRA; ARAUJO, 2021) representa a hipertrofia do sentido na oposição entre “cultura de presença” e “cultura de sentido”. Em resumo, é a confusão entre o real e o atual na era da digitalização.

Essa dinâmica de (des)atualização constante e de confusão entre o real e o virtual tem implicações diretas na forma como as informações são consumidas e como as decisões são tomadas, especialmente no âmbito político. A pesquisa do DataSenado, realizada com 2,4 mil entrevistados entre 17 e 31 de outubro de 2024, destacou a influência crescente das redes sociais como fonte de informação no Brasil. Cerca de 45% dos entrevistados afirmaram que decidiram seu voto com base em informações vistas em redes sociais durante as eleições presidenciais de 2018. A pesquisa também indicou que quanto mais baixa a faixa de idade, maior o percentual de entrevistados que dizem usar o Instagram e YouTube, ou seja, trata-se de um público alvo mais jovem, em relação às demais redes sociais (ver na imagem 12)

¹³ <https://www.instagram.com/laroote/>

Bolsonaro e Milei adotam uma estratégia política caracterizada pela popularização de suas imagens, amplificada pelo uso intensivo das mídias digitais, utilizando memes, publicações chamativas e vídeos curtos – formatos altamente compartilháveis em redes sociais e aplicativos como o WhatsApp – para alcançar ampla visibilidade. Essa abordagem evidencia uma transformação nas campanhas políticas contemporâneas, que priorizam a construção de popularidade em detrimento de debates aprofundados sobre propostas ou programas de governo, alinhando-se à crítica de Guy Debord em *A Sociedade do Espetáculo* (1967), na qual o autor argumenta que o espetáculo transforma o mundo real em imagens, que assumem uma aparência de realidade capaz de exercer um efeito quase hipnótico sobre os espectadores.

Figura 6



Fonte: Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/12/12/redes-sociais-influenciam-voto-de-45-da-populacao-indica-pesquisa-do-datasenado>. Acesso em: 21 jan. 2025.

No caso de Bolsonaro e Milei, a estratégia midiática da extrema direita que eles representam concentra-se em converter suas figuras políticas em ícones carismáticos e acessíveis, posicionando-os como antíteses da política tradicional associada às elites. Ao gerar identificação com os eleitores por meio de uma imagem construída para parecer próxima e autêntica, ambos os líderes reforçam a narrativa de que representam diretamente as classes

populares, em contraste com as elites distantes e tecnocráticas. Essa dinâmica de

espetacularização não apenas captura a atenção do público, mas também cria uma ilusão de conexão e representatividade, consolidando-se como uma ferramenta poderosa de mobilização política em um contexto marcado pela fragmentação e pela busca por identidades coletivas.

Para compreender de forma mais clara os impactos das estratégias digitais adotadas por Bolsonaro e Milei, serão realizadas a seguir análises de seus perfis nas redes sociais, utilizando a netnografia como metodologia de pesquisa. Essa abordagem, conforme indicamos na introdução, permitirá explorar aspectos relevantes do ambiente digital, como o número de seguidores, engajamento (curtidas, compartilhamentos e comentários), análise dos discursos presentes nas publicações e, principalmente, a análise das imagens, que desempenham um papel central na construção de suas narrativas políticas.

A primeira etapa da análise consistirá em uma comparação dos perfis de ambos no Instagram, buscando identificar padrões e diferenças em suas estratégias de comunicação. Em seguida, o estudo tratará das particularidades de cada líder, examinando como suas posturas, linguagens e escolhas visuais contribuem para a construção de suas imagens públicas e para a mobilização de seus seguidores. Essa abordagem metodológica busca não apenas mapear as estratégias digitais, mas também compreender como elas se articulam com os contextos políticos e sociais em que estão inseridas.

O levantamento foi realizado em 4 de dezembro de 2024, com a mineração de dados realizado por meio do site *Social Blade*, que oferece serviços de rastreamento de estatísticas e análises de mídias sociais.

Tabela 1: Análise de desempenho no Instagram de Milei e Bolsonaro nos últimos 30 dias ¹⁴ :				
Presidente	Total de curtidas	Comentários totais	Engajamento	Seguidores
Jair Bolsonaro	125,350.00	4,631.12	0,56%	25.886.365 - 1.011,1% a mais
Javier Milei	81,141.60	3,421.12	1,39%	5.876.295 - 233,6% a mais

¹⁴*SOCIAL BLADE. Disponível em : <https://socialblade.com>*

De acordo com os dados dos perfis de Milei e Bolsonaro, constatou-se que Bolsonaro apresentou números absolutos superiores em relação ao alcance e às interações. Essas características podem ser indicadas à sua trajetória política presidencial mais longa, iniciada em 2018, enquanto Milei começou a se projetar no cenário presidencial em 2023. Apesar disso, a taxa de engajamento de Milei é mais alta do que a de Bolsonaro. Embora Milei tenha aproximadamente 20 mil seguidores a menos, seu público demonstra maior interação com o conteúdo publicado. Esse cenário reflete uma audiência mais ativa e participativa. Além disso, os dados revelam que ambos os líderes tiveram um saldo positivo de novos usuários acompanhando seus perfis no período analisado, conquistando mais adeptos.

Em seguida, serão estudadas seis publicações, sendo três de Bolsonaro e três de Milei, em períodos históricos distintos. Dentre as publicações, será analisado um vídeo de cada um. Para cada publicação, serão avaliados os 100 primeiros comentários, com o objetivo de realizar uma análise quantitativa sobre o número de apoiadores e não apoiadores presentes entre os primeiros comentários. O trabalho foi realizado manualmente, justificando-se pelo fato de que, em um recurso midiático visual como o Instagram, os usuários tendem a ler prioritariamente os comentários que aparecem inicialmente em seu campo de visão. Quanto à classificação dos comentários, a Meta explica que os administradores das páginas podem ativar a ferramenta de organização de comentários, priorizando “comentários com mais curtidas ou respostas, além de comentários de amigos ou de páginas e perfis selecionados”. Caso a classificação esteja desativada, os comentários são exibidos em ordem cronológica (Gerenciamento de comentários do Facebook)¹⁵.

O objetivo destas análises é compreender o comportamento midiático de ambos os políticos no Instagram, bem como o grau de influência que suas publicações exercem sobre seus seguidores. Para isso, foram selecionadas postagens que se distanciam do conteúdo estritamente político e que se aproximam de uma dimensão mais pessoal e espontânea da vida de Milei e Bolsonaro — ou seja, conteúdos que buscam transmitir aos seguidores uma percepção de quem são essas figuras para além de seus papéis na esfera política. Vale destacar que, devido à indisponibilidade dos dados referentes ao número total de curtidas e compartilhamentos nas páginas analisadas, não foi possível utilizar métricas de engajamento como critério de relevância, o que limitou a exploração de uma análise quantitativa mais

¹⁵ FACEBOOK. Ferramentas do Facebook e Instagram para gerenciamento de comentários. *Facebook*, 2023. Disponível em: <<https://www.facebook.com/governo-sem-lucros/blog/facebook-e-ins-ferramentas-para-c-gerenciamento#:~:texto=Ativar%20a%20classe%C3%A7%C3%A3o%20de%20coment%C3%A1rio>>

[%C%A1rios.em %20ordem %20cr%C%B3gi%20por %2%C3 %A3.](#)

aprofundada. Assim, a análise das publicações foi conduzida por meio dos métodos da netnografia, da análise do discurso e da análise de conteúdo.

3.2 : Publicações de Bolsonaro

As três publicações analisadas do perfil de Bolsonaro referem-se aos anos de 2019, 2022 e 2024. Essa escolha temporal se justifica por representarem três contextos históricos distintos: o início do mandato presidencial em 2019, o período pós-crise pandêmica em 2022 e o cenário atual de 2024.

A seleção das três publicações analisadas fundamenta-se na intenção de abarcar três momentos históricos distintos e significativos no percurso político do ex-presidente. O ano de 2019 marca o início de seu mandato, configurando um contexto de consolidação de sua presença nas redes sociais enquanto ocupava o cargo mais alto do Executivo. O ano de 2022 corresponde ao período pós-crise pandêmica e às eleições presidenciais, momento de intensa mobilização digital e reconfiguração de sua base de apoio. Já o ano de 2024 representa o cenário político mais recente, no qual se observa a atuação de Bolsonaro fora da Presidência, mas ainda como figura central na esfera pública brasileira e internacional. A escolha dessas temporalidades permite captar continuidades e transformações nas estratégias comunicacionais e no engajamento de sua comunidade online.

A descrição do perfil de Bolsonaro é minimalista: ele se identifica como o "38º Presidente do Brasil", reforçando sua imagem como figura histórica, além de manter o vínculo simbólico com seu mandato, mesmo após deixar o cargo. Essa estratégia de comunicação reflete uma narrativa de continuidade e relevância política, mesmo fora do exercício da Presidência. A primeira imagem analisada (ver na imagem 6) foi publicada em 28 de setembro de 2018, antes de vencer as eleições presidenciais de 2018. Na fotografia, Bolsonaro aparece se barbeando no hospital Albert Einstein, utilizando de um simples barbeador, sugerindo simplicidade em seu ato.

A publicação acumulou 84.123 comentários, que destacam tanto críticas de *haters* quanto manifestações de apoio de eleitores. Os comentários que chamam atenção são aqueles em que os usuários afirmam se identificar com Bolsonaro, atribuindo-lhe características de um homem simples e acessível, que se assemelha à população.

Foram analisados os primeiros 100 comentários da publicação, dos quais 66 foram identificados como manifestações de apoio. Entre esses, destacam-se elogios, bênçãos, pedidos e expressões de identificação pessoal com a simplicidade do barbeador. Por outro

lado, 21 comentários apresentaram críticas ou ataques, caracterizando-se como reclamações

ou provenientes de *haters*. Os 13 comentários restantes não puderam ter sua finalidade claramente identificada. Dentre os comentários, 57 são de mulheres, 27 de homens, e os outros 16 não foram identificados, sendo perfis de lojas ou anônimos.

A publicação apresenta um contexto simplório, especialmente quando comparado às expectativas normalmente associadas à figura de um chefe de Estado. O barbeador modesto, embora possa parecer um elemento secundário, destaca-se como o principal foco dos comentários, que enaltecem a aparente simplicidade e austeridade do presidente, ressaltando aspectos que fogem ao glamour tradicionalmente vinculado à alta liderança política

Figura 7: A performance do barbeador:



Fonte:

Instagram

<https://www.instagram.com/p/BoROO0OnkxV/?igsh=aHY0N2Zwdnc1NDV0>

Em 27 de junho de 2022, Jair Bolsonaro publicou uma foto em que aparece dentro de um carro estampado com a logo da *Hot Wheels*, uma marca de miniaturas de automóveis infantis. A publicação tinha como objetivo, conforme descrito na legenda, destacar a redução do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), uma medida adotada durante seu governo. No final da descrição, o ex-presidente faz uma menção direta ao Partido dos Trabalhadores, enfatizando que o partido se posicionou contra a aprovação da lei que previa a redução desses impostos, reforçando uma crítica à oposição.

Figura 8: O populismo infantilizado: a cena do carrinho:



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CfUgDgfvDY-/igsh=YjdybGVrMjllazh0>

A publicação registrou 3.170 comentários, um número significativamente menor em comparação à postagem analisada anteriormente. Entre os comentários, destaca-se novamente a identificação do eleitor com o estilo descontraído e bem-humorado de Bolsonaro. Além disso, observa-se um aumento de comentários direcionados ao PT mencionados pelo ex-presidente na legenda da postagem.

Dos primeiros 100 registros analisados, 73 expressaram apoio, um número superior ao observado na publicação de 2019 (imagem 6). Essas manifestações revelam demonstrações de afeto e risadas, estimuladas pelo tom descontraído e aparentemente aleatório da postagem. Em contrapartida, 12 interações indicaram descontentamento, oposição ou críticas. Os 15 restantes não apresentaram uma finalidade claramente identificável. Quanto à identificação de gênero, 40 mensagens foram atribuídas a homens, 35 a mulheres, e as demais 25 não puderam ser classificadas.

A última publicação analisada, datada de 24 de setembro de 2024, apresenta um contexto distinto, pois Bolsonaro já não ocupa o cargo de presidente da República. Trata-se de um vídeo gravado em Goiás em que ele aparece ao lado da prefeita de Alexânia, Alessandra Guimarães (ver no QR code abaixo). No vídeo, Bolsonaro come pão de queijo diretamente sobre uma mesa repleta de farelos, sem o uso de pratos, e bebe o que parece ser cappuccino em um simples copo americano, utilizando uma colher de plástico. Esse cenário reforça mais uma vez a estratégia de aproximação simbólica com seus seguidores, evidenciando uma

quebra de distanciamento de realidades elitistas, que sugere identificação com a vida cotidiana

de grande parte da população, consolidando-o como um dos grandes representantes do eleitorado que busca essa conexão direta com seus líderes.

O vídeo recebeu 4.330 comentários. Entre os primeiros 100 analisados, 74 foram positivos, novamente ressaltando a imagem de Bolsonaro como um líder que representa a simplicidade de um cidadão comum. Adjetivos como “herói”, “humilde” e “guerreiro” ganham destaque nos comentários de apoio. Por outro lado, 17 comentários expressaram descontentamento, incluindo um número de eleitores arrependidos, que afirmam sentir-se traídos. Além disso, alguns desses comentários trazem pedidos para que o ex-presidente abandone o Partido Liberal (PL), indicando insatisfações também em relação ao seu atual alinhamento político. Dos comentários, 53 são feitos por mulheres, 31 por homens, e 16 não foram identificados.

Resumo de análise:

Tabela 2: Análise de dados de Bolsonaro ¹⁶ :					
Ano de publicação	Comentários analisados	Homens	Mulheres	Comentários positivos	Comentários negativos
2019	100	27	57	66	21
2022	100	40	35	73	12
2024	100	31	53	74	17

Os dados revelam, em primeiro lugar, uma queda de engajamento nas publicações de Bolsonaro entre 2018 e 2024. Na última publicação, observou-se uma predominância de comentários feitos por mulheres, representando 53% do total. Essa participação feminina inclui tanto interações positivas quanto negativas, indicando que o público feminino é o mais ativo nas interações. Entre os comentários de homens e mulheres, os positivos continuam predominando de forma crescente, embora os negativos tenham apresentado um leve aumento em comparação às publicações de 2019 e 2022. Essa tendência sugere que, apesar de enfrentar mais críticas, Bolsonaro ainda mantém um considerável apoio entre seus seguidores

¹⁶ Fonte: Elaboração própria

3.3 Publicações de Javier Milei:

O perfil de Milei no Instagram apresenta uma descrição ainda mais minimalista que a de Bolsonaro, limitando-se a identificar o político como "economista". Essa escolha reflete uma estratégia de comunicação focada em reforçar sua imagem como especialista em economia, alinhada ao discurso técnico e *antiestablishment* que o catapultou para a presidência da Argentina. A simplicidade da descrição contrasta com a complexidade de sua retórica política, destacando a centralidade da economia em sua plataforma e identidade pública. As fotos analisadas de Milei abrangem os anos de 2022, 2023 e 2024. Essa variação temporal em relação às publicações de Bolsonaro, se justifica pelo fato de que a trajetória política de Milei como presidente ganhou maior visibilidade a partir das eleições de 2023. Assim como no perfil de Bolsonaro, a ferramenta da *Meta* de organização de comentários, não se encontra ativa. Ou seja, os primeiros 100 comentários se encontram de forma cronológica.

Inicialmente, é importante destacar o slogan de Milei em seu Instagram: em quase todas as suas publicações, ele utiliza a legenda “¡VIVA LA LIBERTAD, CARAJO!”, que se tornou sua marca registrada e reforça sua imagem de libertador da nação argentina. Além disso, a frase quebra o protocolo de formalidade esperado de um presidente, evidenciando uma postura mais descontraída e próxima do público, que remete à comunicação informal, e visa uma conexão mais direta com as camadas populares, especialmente o público jovem, de maneira semelhante à estratégia desenvolvida por Bolsonaro.

A primeira publicação analisada foi postada por Milei em 26 de setembro de 2022, e consiste em um vídeo no qual ele explica o motivo pelo qual o leão é considerado “o Rei da Selva” em relação aos outros animais (ver no QR Code a seguir). Vale destacar que, em diversas de suas postagens no Instagram, Milei se autointitula o “leão”, uma metáfora que ele utiliza para se posicionar como defensor da Argentina contra os “ratos”— expressão que se refere à “Casta Política”, um grupo de políticos, que segundo Milei, foi responsável por prejudicar a população e preservar os privilégios políticos individuais.

A publicação recebeu 525 comentários, um número significativamente inferior aos números de Bolsonaro. No entanto, como mostrado na tabela comparativa entre os perfis no Instagram dos dois políticos, Milei conta com um número menor de seguidores em relação a Bolsonaro. Apesar disso, o nível de engajamento nas publicações de Milei se mostra superior,

ou seja, embora tenha uma base de seguidores menor, a interação com seu público é mais expressiva. O número de curtidas também se encontram ocultos no perfil do presidente.

Dos 100 primeiros comentários analisados, 77 foram feitos por apoiadores do atual presidente, enquanto apenas 9 apresentaram críticas. As 14 restantes não tiveram sua finalidade identificada. Em relação ao gênero, 40 são mulheres, 45 são homens e 15 não foram identificados.

A análise revela um índice menor de comentários negativos nas 100 publicações relacionadas a Milei. É importante destacar, porém, que em 2022, ano em que as postagens foram feitas, Milei ainda não era presidente, mas apenas candidato, enquanto todas as publicações analisadas de Bolsonaro, ele já se encontrava na presidência da república. A estratégia das publicações parece ser a de construir uma imagem de liderança e esperança, apresentando Milei como alegoria ao “Rei da Selva” ou mesmo como o comentário da publicação o define: A última esperança para o povo argentino.

A próxima publicação, realizada em 24 junho de 2023, é uma peça de propaganda política voltada à campanha presidencial. Nela, a figura central destaca uma característica marcante de Milei: seu cabelo desarrumado. O cartaz utiliza essa peculiaridade como um elemento de comunicação não verbal, enfatizando-a como um símbolo distintivo do candidato e uma forma de reforçar sua imagem pública. Ao destacar essa característica, a propaganda sugere uma autenticidade e rebeldia, alinhando-se à narrativa de Milei como um líder fora do convencional, distante mais uma vez, das formalidades políticas tradicionais. Logo nos primeiros comentários, nota-se o apoio de brasileiros a Milei, um fato também que se difere das publicações de Jair Bolsonaro, uma vez que não foi identificado a presença do apoio do povo argentino.

A publicação conta com 917 comentários. Dentre os 100 primeiros comentários examinados, 71 expressaram apoio ao presidente, enquanto 20 foram críticas. Os 9 restantes não podem ter seus interesses identificados. Quanto ao perfil dos comentaristas, 53 eram homens e 27 mulheres, o que também marca um marco diferente em relação às publicações de Bolsonaro, que possui um maior engajamento feminino em relação a Milei. Outros 20 perfis não foram possíveis de ser identificados.

Ao analisar a imagem, o destaque ao cabelo torna-se uma marca distintiva do líder, que funciona como um diferencial em relação aos demais e transportando automaticamente o

pensamento à sua figura pessoal. Assim como o ex-primeiro-ministro do Reino Unido, Boris Johnson, cujo cabelo dessalinizado se consolidou como uma característica pessoal que contrasta com a formalidade tradicional, Milei utiliza da mesma estratégia

Essa construção de imagem vai além dos atributos físicos e abrange também aspectos de linguagem e comportamento. Exemplos disso incluem a legenda "Viva la libertad carajo!" e atitudes populistas anteriormente demonstradas, como as de Bolsonaro, ao se filmar comendo pão de queijo em ambientes simples, em mesas desorganizadas, com talheres modestos. Essas características não apenas facilitam a identificação e o apoio, mas também se mostram perfeitas para a criação de memes e o compartilhamento em redes como o WhatsApp, tanto por apoiadores quanto por opositores. Freud (1921), em sua obra *Psicologia de grupo e análise do ego*, propõe a hipótese de que a formação dos grupos se fundamenta no processo de identificação que ocorre entre seus membros: *"Já começamos a adivinhar que o laço mútuo existente entre os membros de um grupo é de natureza de uma identificação desse tipo, baseada numa importante qualidade emocional comum, e podemos suspeitar que essa qualidade comum reside na natureza do laço com o líder"*.

Figura 9: O cabelo como performance



Fonte:

Instagram

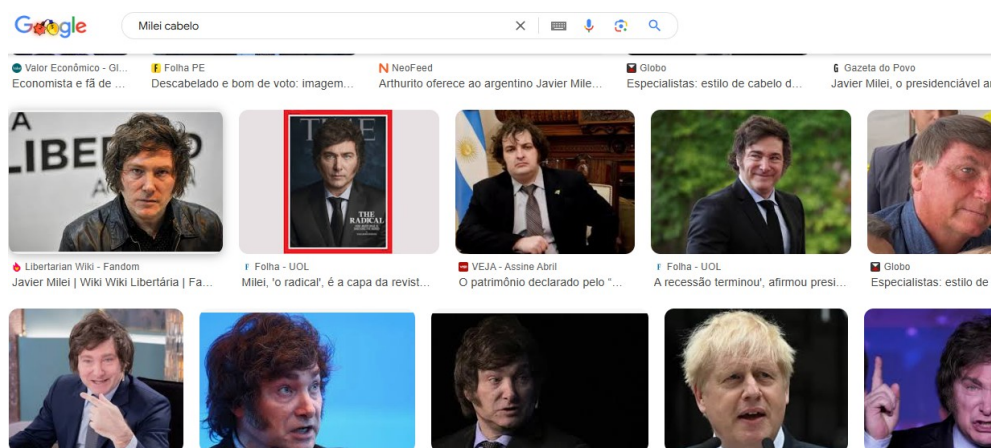
<https://www.instagram.com/p/Ct4oO4tg3wX/?igsh=MWprZmtueGk1bGEydg%3D%3D>

Essa "qualidade comum" é construída estrategicamente por meio de gestos e linguagem que ressoam com o inconsciente coletivo, como a simplicidade de comer pão de queijo em ambientes modestos ou o uso de frases carregadas de emotividade. Tais elementos

não apenas facilitam a identificação, mas também transformam o líder em um "ideal do ego", uma figura que encarna as aspirações do grupo e fortalece o laço emocional, muitas vezes de forma inconsciente. Essa dinâmica explica por que essas imagens e comportamentos são tão eficazes na mobilização de apoio e na viralização de memes, tanto entre apoiadores quanto opositores.

Em uma breve pesquisa no Google Imagens, utilizando as palavras-chave "Milei cabelo", os resultados evidenciaram a associação entre Milei, Johnson e Bolsonaro com base em suas características físicas (ver na imagem 9)

Figura 10: O penteado como marca política:



Fonte: GoogleImagens

https://www.google.com/search?sca_esv=7e90f080ec9a8cdb&rlz=1C1CHZN_pt-BRBR995BR995&q=Milei+cabelo&udm=2&fbs=AIiipHxX5k-tONtMCu8aDeA7E5WMDdWGSuc8eBkl8hX51y2q67wehyM0b9808o1ULE6sPkQ8myfN4OOm1M9WkEO-djvvac-c4M3RF6TLxd4WidSy86-7ggNfo0e4OT1V5_GLegUIOGiiT7Bs02VuZWDKbAwhqgMsiE3vg_0VvPyr28oK_GFalgQSpwvuMpRDXR93r5wK71228_R8X9nSMqSEM4hNuAOwiO&sa=X&ved=2ahUKEwi_vICz4cONAxUgr5UCHO4OJoIoTkgLegOIERAB&biw=1366&bih=599&dpr=1

A última publicação analisada, datada de 16 de junho de 2024, acumulou um expressivo total de 5.844 comentários (ver na imagem 10). Trata-se de uma homenagem ao Dia dos Pais, celebrado em junho na Argentina. A postagem apresenta uma ilustração em que Milei aparece ao lado de cinco cachorros, fazendo referência aos chamados “pais de pet”. Vale destacar que Milei demonstra um forte apego aos cães, chegando a afirmar que se comunica com o espírito de seu falecido animal de estimação. Essa temática é recorrente em seu perfil, onde muitas publicações retratam sua relação com os cachorros.

Dos 100 registros analisados, apenas 26 foram positivos, expressando apoio — número significativamente inferior ao das publicações anteriores. Por outro lado, 65 interações partiram de opositores, com críticas e, em muitos casos, discursos de ódio. No recorte demográfico, 48 vieram de homens e 36 de mulheres, enquanto os 16 restantes são de perfis institucionais, como lojas e criadores de conteúdo.

Entre as manifestações de apoio, destacam-se aquelas que retratam Milei como um presidente “que se importa com os cachorros” ou como alguém “verdadeiro, sem máscaras, que mostra exatamente quem é”. Essa construção de imagem como “pai de pet” reforça sua estratégia de comunicação, pautada na autenticidade e na diferenciação em relação ao padrão tradicional adotado por outros líderes.

É relevante destacar que essa publicação não apenas concentrou o maior volume de respostas detalhadas, como também foi a que mais atraiu discursos de ódio. No ambiente do Instagram, porém, interações negativas — embora predominantes — também alimentam o algoritmo, ampliando o engajamento e a visibilidade da postagem. Assim, as controvérsias, longe de representarem apenas desgaste, acabam impulsionando o alcance e fortalecendo a presença digital de Milei, ainda que de forma polêmica.

Figura 11: O “pai de pet”



Fonte:

Instagram

<https://www.instagram.com/p/DBaZgrCoXNJ/?igsh=eG9tOTV3Y3N6NjRv>

Resumo de análise:

Tabela 3: Análise de dados Milei ¹⁷ :					
Ano de publicação	Comentários analisados	Homens	Mulheres	Comentários positivos	Comentários negativos
2022	100	45	40	77	9
2023	100	53	27	71	20
2024	100	48	36	26	65

A análise revelou um crescimento constante no engajamento das publicações de Milei entre 2022 e 2024. Contudo, é essencial destacar que o engajamento se refere à interação do público com o perfil, o que não implica necessariamente apoio. Conforme apontado na tabela, o aumento do engajamento foi acompanhado por um crescimento no número de comentários negativos e uma redução nas manifestações de apoio. Em outras palavras, boa parte do engajamento é impulsionada por opositores, que, paradoxalmente, também são destacados para ampliar a visibilidade midiática do presidente.

No que diz respeito à demografia dos comentários, observa-se uma diminuição na participação feminina em comparação à primeira publicação, em 2022, enquanto o público masculino apresentou um crescimento proporcional. Assim como na análise de Bolsonaro, a participação de ambos os gêneros inclui tanto comentários positivos quanto negativos, demonstrando que o debate nas redes sociais transcende questões de apoio direto e se transforma em um espaço de polarização e controvérsia, o que também favorece a presença digital de líderes políticos.

¹⁷ Fonte: Elaboração própria

3.4 Análise das Redes de Jair Bolsonaro e Javier Milei

A análise de apenas 100 comentários representa uma amostra significativamente reduzida em relação ao total de interações que as publicações alcançaram. Além disso, a ausência de comentários de maior relevância entre os primeiros dificulta uma avaliação mais abrangente do engajamento geral dessas postagens. O objetivo principal da pesquisa concentrou-se em uma análise voltada para o tempo presente, priorizando os elementos que estão mais diretamente visíveis ao usuário no momento da interação, ou seja, os primeiros comentários exibidos nas publicações.

Tabela 4: Análise comparativa do Instagram de Bolsonaro e Milei:¹⁸

Político	Comentários analisados	Comentários positivos	Comentários negativos	Média de homens
Bolsonaro	100	71%	16,67%	32,67%
Milei	100	58%	31,33%	48,67%

Com base na análise dos comentários, observa-se que o índice de apoio a Bolsonaro é 13% superior ao de Milei. Em contrapartida, o índice de reprovação e manifestações de ódio direcionados a Milei superam os de Bolsonaro em 14%. O público ativo de Bolsonaro é predominantemente feminino, representando 48% das interações, as quais englobam tanto comentários positivos quanto negativos, sendo que ambos os tipos de interação contribuem para o engajamento. Por outro lado, o público de Milei é predominantemente masculino, com 48,67% de participação nas interações. No que se refere aos engajamentos negativos, a tabela indica que os comentários desfavoráveis a Milei apresentaram um crescimento gradual ao longo do tempo. Antes das eleições, tais engajamentos eram mais baixos, mas, após quase um ano de presidência, houve um aumento considerável.

¹⁸ Fonte: Elaboração própria

Jules Monnerot (1949) destacou que os tiranos modernos possuíam a habilidade de "simplificar ao extremo" e traduzir suas doutrinas para uma "linguagem acessível às massas". De forma complementar, Jean-Marie Domenach (1963), em *A propaganda política*, analisou que a eficácia da manipulação política está diretamente ligada à adaptação cuidadosa do tom e da argumentação aos diferentes públicos, um desafio significativo para os líderes, especialmente ao se comunicar com as classes populares.

Nesse contexto, ao examinar o Instagram de ambos os políticos, é evidente que a estratégia comunicacional centrada em suas imagens pessoais é altamente eficaz e estabelece um diálogo direto com a classe popular, que se identifica plenamente com a imagem cuidadosamente construída por eles nas redes sociais. Ao analisar o uso do Instagram de Bolsonaro e Milei, torna-se evidente que suas estratégias comunicacionais extrapolam uma mera adaptação discursiva, envolvendo a construção de narrativas visuais e simbólicas. Bolsonaro recorre frequentemente a imagens que evocam proximidade e simplicidade, enquanto Milei aposta em uma retórica disruptiva e na encenação de rebeldia.

Ambos exploram as redes sociais como espaços privilegiados para consolidar identidades populistas, estabelecendo um vínculo emocional direto com seus seguidores. Essa construção imagética reforça não apenas a identificação pessoal, mas também legitima suas posições ideológicas ao enquadrá-las como expressões autênticas da "vontade do povo", em um esforço deliberado para fortalecer sua política de base e mobilizar recorrentes dentro do espectro da chamada "Onda Azul" no Cone Sul.

Em síntese, as políticas neopopulistas da extrema direita de JMilei na Argentina geram uma resposta mais intensa no espaço digital, caracterizada por uma aversão crescente e uma maior polarização, quando comparado ao contexto brasileiro de Bolsonaro. Embora Bolsonaro, igualmente polarizador, tenha um engajamento relativamente mais equilibrado, Milei enfrenta uma resistência digital mais feroz, refletindo um ambiente de maior hostilidade e oposição nas plataformas digitais. Essa diferença pode ser atribuída a aspectos do contexto político e histórico de cada país. Pode-se supor, com base na hipótese principal, que essa resistência esteja diretamente vinculada à memória histórica que a Argentina preserva sobre a última ditadura, contrastando com a memória brasileira em relação a 1964, em detrimento de aspectos culturais, políticos e sociais. Além disso, uma característica diferencial entre os apoiadores de Milei e Bolsonaro se encontra exatamente no clamor dos apoiadores de

Bolsonaro pela volta dos militares ao comando do país, como visto na tentativa de golpe de 8 de janeiro de 2023.

Por fim, a análise comparativa das estratégias digitais de Bolsonaro e Milei evidencia como as redes sociais se consolidaram como arenas centrais da disputa política contemporânea, promovendo novas formas de interação entre lideranças e seguidores, pautadas por dinâmicas de desintermediação, afetividade e viralização. Em ambos os casos, observou-se a construção de uma narrativa política fortemente baseada na oposição ao “sistema”, na valorização da autenticidade comunicativa e na exploração de algoritmos que potencializam a difusão de conteúdos polarizadores.

Apesar das semelhanças, as trajetórias de Bolsonaro e Milei também revelam diferenças significativas, sobretudo em relação ao contexto político-institucional e à tradição ideológica de seus países. Enquanto Bolsonaro emergiu a partir de uma trajetória militar e parlamentar, articulando pautas conservadoras e nacionalistas, Milei consolidou sua figura pública como outsider libertário, com ênfase no ultraliberalismo econômico e no desprezo pelas instituições políticas tradicionais.

A partir dessa análise, confirma-se a hipótese de que, mais do que meros instrumentos de comunicação, as redes sociais constituem o próprio espaço onde se reconfiguram as lideranças políticas e os processos democráticos na contemporaneidade. O estudo das estratégias digitais de Bolsonaro e Milei permite, assim, compreender como fenômenos políticos aparentemente distintos compartilham dinâmicas comuns de atuação, assentadas na lógica das plataformas digitais e na performatividade própria do ambiente das redes.

Tabela 5: Características de Bolsonaro e Milei	
Bolsonaro	Milei
Neopopulista conservador	Neopopulista libertário
Nega o conceito de “ditadura”	Minimiza e relativiza a ditadura
Apelo à imagem de “homem comum”	Apelo a imagem de “homem comum” e de outsider radical
Políticas neoliberais	Políticas neoliberais

Imagem conservadora	Imagem revolucionária, anárquica
Tabela 5: Características de Bolsonaro e Milei	
Bolsonaro	Milei
Ataque a políticas progressistas	Ataque a políticas progressistas
Uso estratégico das redes sociais	Uso estratégico das redes sociais

Considerações Finais

Tratando-se de uma pesquisa que ainda se encontra em um estágio de diagnóstico pela historiografia, especialmente no que diz respeito aos acontecimentos recentes, a tese oferece mais observações e indagações do que respostas definitivas. De acordo com os dados observados nos perfis de Bolsonaro e Milei, pode-se supor que há atualmente um maior apoio a Bolsonaro em comparação a Milei. Essa diferença reflete não apenas as particularidades de cada liderança, mas também as especificidades históricas, culturais e políticas dos contextos brasileiro e argentino. No caso da Argentina, a ausência de aclamação pela volta dos militares ao poder contrasta significativamente com a dinâmica brasileira, indicando que o processo de anistia e suas consequências tiveram um impacto distinto na configuração política e na ascensão do populismo autoritário em cada país. Apesar desta observação, é necessário considerar que tais aspectos não podem ser tomados como fatores únicos ou determinantes. Embora os elementos históricos e culturais diferentes moldem a percepção popular sobre os militares e influenciem o destino das lideranças neopopulistas na América Latina, quais outros fatores – políticos, econômicos ou sociais – poderiam explicar o apoio às lideranças de extrema direita no Brasil e na Argentina?

Concluo este trabalho enfatizando a urgente necessidade de investir em políticas públicas voltadas à memória, especialmente no contexto brasileiro, marcado por uma histórica inclinação ao perdão forçado, envolvendo a reestruturação de lembranças vinculadas a um passado sensível (PEREIRA, 2016). Em 2024, o governo de Luiz Inácio Lula da Silva frustrou expectativas relacionadas à reparação histórica, ao ignorar os 60 anos do golpe militar de 1964, optando por não promover manifestações ou eventos oficiais, aparentemente em um esforço para preservar o silêncio das Forças Armadas. Lula afirmou que o golpe era algo do "passado" e que não pretendia revisitar o tema indefinidamente. Por outro lado, a tentativa de golpe de 8 de janeiro de 2023 evidencia como as (não) memórias do golpe militar de 1964 continuam a ecoar e, de certa forma, se manifestaram novamente nos acontecimentos daquele dia.

As implicações práticas da ausência de memória histórica são profundas, contribuindo para a fragilização da resistência democrática e o fortalecimento do negacionismo histórico. Essa lacuna não apenas compromete a luta contra o autoritarismo, mas também abre espaço para a disseminação de ideias extremistas e antiéticas. Discordo da visão simplista de que o negacionismo opera apenas por meio da negação da ciência; além disso, ele se apropria

estrategicamente de uma visão pseudo-científica para legitimar sua narrativa, através cursos de história oferecidos pelo Brasil Paralelo¹⁹, que, com figuras como Leandro Narloch (autor do *Guia Politicamente Incorreto da América Latina*), reconfiguraram o discurso histórico em prol de uma agenda revisionista. Ou seja, a estratégia aqui é reformular a ciência em si.

A atual realidade das guerras cibernéticas que marcaram o governo Lula, através de ataques midiáticos e *Fake News*, reflete a persistente resistência da extrema-direita no Cone Sul. Por outro lado, a Argentina, mesmo carregando uma política referencial de preservação de memória, elegeu em 2023 o neopopulista Javier Milei.

A persistência da extrema direita contemporânea, amplificada por redes de desinformação digitais, reforça a necessidade de investigar as conexões transnacionais que impulsionam o extremismo político, a fim de focar em um diagnóstico mais voltado para a política global. O retorno de Donald Trump ao poder, com sua política de apoio a lideranças neopopulistas e a consolidação de uma agenda de direita global, pode fortalecer ainda mais a atuação da extrema direita na região.

O avanço da revolução digital transformou as interações sociais e políticas, introduzindo desafios que eram inexistentes no século XX. A produção massiva de desinformação mediada por algoritmos têm criado um ambiente propício para o monopólio político e a manipulação das massas. Este fenômeno evidencia a necessidade de capacitar os cidadãos para que possam usufruir das ferramentas digitais com maior consciência e segurança. A análise das políticas externas dos Estados Unidos, em especial durante a Era Trump, oferece um caminho para compreender a ascensão do neopopulismo no Cone Sul. Para entender por que esse fenômeno ganhou força, tanto em países cuja memória histórica não foi marcada por um perdão forçado, quanto naqueles onde prevaleceu a anistia, é necessário adotar uma perspectiva ampla e contextualizada. Isso inclui relacionar o estudo a um cenário global, com ênfase no papel desempenhado por uma das principais potências mundiais: os Estados Unidos.

Atualmente, a Onda Rosa se faz predominante no Cone Sul, principalmente após a vitória presidencial do presidente do Uruguai, Yamandu Orsi, e com isso, apenas a Argentina

¹⁹ BRASIL PARALELO. Cursos. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/cursos>

segue tendências de direita.²⁰ Na imagem 11 tem-se em vermelho, os países de ideologia de esquerda, e em azul, de direita.

Figura 12 - A direita no Brasil



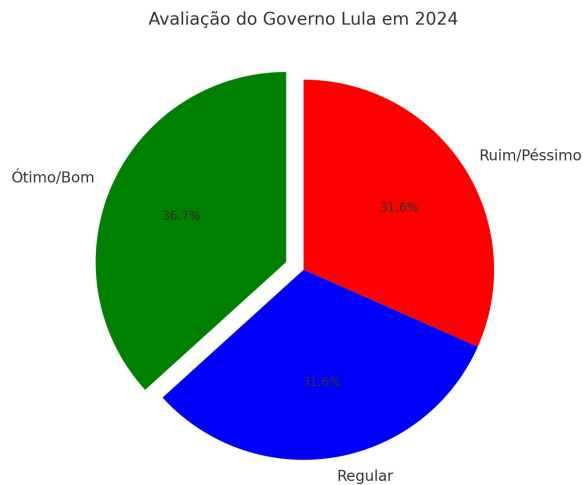
Fonte::

<<https://g1.globo.com/globonews/estudio-i/noticia/2024/11/25/direita-x-esquerda-veja-mapa-ideologico-dos-pais-es-da-america-do-sul.ghtml>>. Acesso em: 21 jan. 2025.

Entretanto, o cenário de polarização política brasileira, coloca essa predominância, em cheque. O atual governo de Lula em 2024 reflete uma estabilidade relativa, marcada por alta polarização no eleitorado e avaliações divididas. Segundo pesquisas da Folha de São Paulo, 36% consideram seu governo ótimo ou bom, 31% o avaliam como ruim ou péssimo, e 31% o classificam como regular. Esse cenário se assemelha aos números de Jair Bolsonaro durante seu mandato, mas contrasta com o segundo mandato de Lula (2007-2010), quando sua aprovação atingiu 64%. Lula enfrenta desafios típicos de um cenário polarizado, em que seu apoio é sustentado principalmente por sua base tradicional, enquanto os segmentos mais alinhados ao bolsonarismo expressam maior rejeição. Além disso, o fortalecimento do monopólio político de Donald Trump, consolidado com sua vitória presidencial em 2024, agrava as incertezas e instabilidades políticas enfrentadas pela esquerda. A análise do impacto de seu primeiro mandato nas políticas externas para a América Latina torna-se essencial para elaborar um diagnóstico preciso e traçar cenários potenciais para os próximos anos.

Figura 13: Avaliação do Governo Lula

²⁰ GLOBO NEWS. *Direita x Esquerda: veja mapa ideológico dos países da América do Sul*. Estúdio I, 25 nov. 2024. Disponível em: <<https://g1.globo.com/globonews/estudio-i/noticia/2024/11/25/direita-x-esquerda-veja-mapa-ideologico-dos-pais-es-da-america-do-sul.ghtml>>. Acesso em: 21 jan. 2025.



Fonte: FOLHA DE S.PAULO. Datafolha: Lula tem 35% de aprovação e 34% de reprovação após 2 anos de governo. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2024/12/datafolha-lula-tem-35-de-aprovacao-e-34-de-reprovacao-apos-2-aos-de-governo.shtml>. Acesso em: 21 jan. 2025.

Essa necessidade de memória ativa também é representada de forma simbólica no filme *Bacurau* (2019), dirigido por Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. Na trama, a comunidade de Bacurau mantém as marcas de sangue em exposição nas paredes de seu museu, como um lembrete visceral das violências sofridas e como uma forma de resistência contra o apagamento de sua história. A decisão de preservar essas marcas não é apenas um ato de memória, mas também de enfrentamento ao autoritarismo. O museu de Bacurau, mesmo em sua simplicidade, funciona como um espaço de contestação e conscientização. Ele rejeita a lógica do esquecimento ao exibir, de forma crua, os vestígios do passado sangrento da comunidade. Esse gesto se conecta à ideia de que 'há uma gota de sangue em cada museu' (CHAGAS,1999) destacando que os espaços memoriais não são neutros, mas carregam histórias de dor, luta e resistência. Assim, a preservação dos vestígios do passado ditatorial, seja em Bacurau ou no contexto histórico brasileiro e argentino, não deve ser vista apenas como um resgate do passado, mas como um ato político de resistência e como uma promessa de transformação política.

Neste contexto, reforço a necessidade de analisar a influência do cinema latino-americano na formação de uma memória histórica crítica e seu impacto direto na reinterpretação de passados sensíveis. É fundamental que essa análise seja conduzida de

forma comparativa com o cinema hegemônico produzido por Hollywood, permitindo a exploração das distintas narrativas e seus efeitos em um cenário global. Além disso, é crucial investigar como a "Era Trump" (2016-2024) influenciou a ascensão e consolidação do neopopulismo no Brasil e na Argentina, com destaque para o papel do discurso anticomunista norte-americano e seu impacto na memória histórica latino-americana sobre as ditaduras militares. Paralelamente, é necessário examinar como as narrativas Trumpistas, disseminadas no Instagram e no Twitter, contribuíram para o fortalecimento de políticas neopopulistas na região, destacando a adaptação da retórica anti-elite e nacionalista aos contextos locais na era da pós-verdade. Essa abordagem comparativa e multifacetada permitirá compreender melhor as dinâmicas entre cultura, política e memória na América Latina contemporânea.

Diante dos achados desta pesquisa, reafirma-se a urgência de fortalecer políticas públicas de memória, especialmente no contexto brasileiro, onde a ausência de ações efetivas tem favorecido o avanço do negacionismo e a corrosão da cultura democrática. Ao revelar como lideranças neopopulistas utilizam estratégias comunicacionais para manipular narrativas históricas e mobilizar bases políticas, este trabalho contribui para a compreensão crítica das dinâmicas contemporâneas do extremismo no Cone Sul. Por fim, reforça-se a necessidade de ampliar investigações que articulem memória, política e cultura, com especial atenção às conexões transnacionais e à atuação das plataformas digitais na produção e circulação de discursos autoritários. Que este estudo, assim, possa estimular novas reflexões e práticas de resistência frente aos desafios impostos pelo neopopulismo e pela desinformação na América Latina contemporânea.

Referências:

ARANTES, Pedro Fiori (Org.). *Guerras culturais em verde e amarelo*. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, 2022. ISBN 978-65-00-58227-7. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/>. Acesso em: 13 nov. 2024.

ARAÚJO, Valdei Lopes de; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. Atualismo: a crise da temporalidade e o tempo presente como campo historiográfico. *Tempo e Argumento*, v. 13, n. 33, p. 5-30, 2021.

ARAÚJO, Valdei Lopes de; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. *Atualismo 1.0: como a ideia de atualização mudou o século XXI*. Vitória: Milfontes, 2019.

ARGENTINA. *Nunca más: informe de la Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas*. Buenos Aires: Eudeba, 1984. Disponível em: https://www.cultura.gob.ar/media/uploads/lc_nuncamas_digital1.pdf. Acesso em: 22 nov. 2024.

BÉDARIDA, François. A história do tempo presente. *Revista de História*, São Paulo, n. 123, p. 5-17, 1991.

BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, O ofício de historiador*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOLSONARO, Jair. [@jairebolsonaro]. Publicação em X (antigo Twitter), 06 dez. 2016. Disponível em: <https://x.com/jairebolsonaro/status/805399501401886721>. Acesso em: 15 jan. 2025.

BRAGA, Sabrina Costa. A questão da verdade na historiografia após a Shoah: negacionismo, revisionismo e narrativismo. *Fronteiras: Revista Catarinense de História*, v. 41, p. 97-121, 2023.

BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. *Relatório final da Comissão Nacional da Verdade: Volume I*. Brasília, DF: CNV, 2014. Disponível em: <https://cnv.memoriasreveladas.gov.br>. Acesso em: 13 nov. 2024.

BRASIL PARALELO. O Brasil Paralelo é bolsonarista. *Brasil Paralelo*, 2023. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/a-brasil-paralelo-e-bolsonarista>. Acesso em: 10 nov. 2024.

CASSAGLIA, Roberto. Reclusão ministerial e das elites econômicas na Argentina e no Brasil. *Trabajo Social*, Santiago del Estero, v. 39, p. 167-196, jul./out. 2022. Disponível em: https://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1514-68712022000200167. Acesso em: 13 nov. 2024.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura*. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

CELAG. *Macriland: EE. UU. na Argentina de Macri*. 2019. Disponível em: <https://www.celag.org/macriland-eeuu-en-la-argentina-de-macri>. Acesso em: 13 nov. 2024.

CORIGLIANO, Francisco. Flexibilidad en un mundo incierto. *Revista SAAP*, v. 12, n. 2, p. 209-236, 2018.

DOMENACH, Jean-Marie. *A propaganda política*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1963.

EL LITORAL. Detuvieron a “El Presto”... *El Litoral*, 26 ago. 2020. Disponível em: https://www.ellitoral.com/politica/detuvieron-presto-youtuber-amenazo-cristina-kirchner-twitter_0_Cd9UIwwZl9.html. Acesso em: 6 jan. 2025.

FACEBOOK. Ferramentas do Facebook e Instagram... *Meta for Government...*, 2023. Disponível em: <https://www.facebook.com/governo-sem-lucros/blog/facebook-e-ins>. Acesso em: 10 nov. 2024.

FRANCO, Marina. La teoría de los dos demonios... *A contracorriente*, v. 11, n. 2, p. 22–52, 2014.

FREUD, Sigmund. *Psicologia de grupo e análise do ego*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

G1. Advogado mobiliza vaquinha... *G1*, 06 abr. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2016/04/advogado-mobiliza-vaquinha-e-faz-boneca-o-de-super-moro-em-mt.html>. Acesso em: 12 jan. 2025.

G1. Bolsonaro chama coronel Ustra... *G1*, 08 ago. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/08/08/bolsonaro-chama-coronel-ustra-de-heroi-nacional.ghtml>. Acesso em: 12 jan. 2025.

G1. Organismos humanitários questionam... *G1*, 11 ago. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/08/organismos-humanitarios-questionam-fala-de-macri-sobre-ditadura-argentina.html>. Acesso em: 15 jan. 2025.

G1. O vice de Javier Milei... *G1*, 07 set. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/blog/sandra-cohen/post/2023/09/07/vice-de-javier-milei-e-tachada-de-negacionista-da-ditadura-argentina.ghtml>. Acesso em: 15 jan. 2025.

GAZETA DO POVO. Influenciador que tuitou... *Gazeta do Povo*, 27 ago. 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/breves/influenciador-que-tuitou-que-kirchner-nao-va-ficar-viva-e-preso/>. Acesso em: 15 jan. 2025.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Centauro, 2006.

HAUPT, Heinz-Gerhard. Comparação e história: uma perspectiva crítica. *Revista Brasileira de História*, v. 31, n. 61, p. 99-117, 2011.

HUNTER, James Davison. *Culture wars: the struggle to define America*. Nova York: Basic Books, 1991.

KOCKA, Jürgen. Comparison and beyond. *History and Theory*, v. 38, n. 1, p. 39-44, 1999.

KOZINETS, Robert V. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. São Paulo: Penso Editora, 2014.

LACLAU, Ernesto. *Uma razão populista*. São Paulo: Três Estrelas, 2005.

MARCELLO NETO, Mário. *O brilho de mil sóis: história, memória e esquecimento...* Belo Horizonte: UFMG, 2020.

MARNY, Jacques. *Sociologia das histórias aos quadradinhos*. Porto: Afrontamento, 1970.

MEMÓRIAS REVELADAS. Argentina, 1985... *Memórias Reveladas*, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/assuntos/noticias/argentina-1985-como-foi-o-julgamento-historico-que-revelou-horrores-da-ditadura>. Acesso em: 10 nov. 2024.

MONNEROT, Jules. *Sociologia do comunismo*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1953.

MOUFFE, Chantal. *O retorno do político*. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: UNESP, 2000.

NORA, Pierre; AUN KHOURY, T. Y. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, v. 10, p. 7-28, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 2 dez. 2024.

PALACIO, Priscila. La reformulación de la política exterior argentina... *Anuario Latinoamericano*, v. 7, p. 65-90, 2019.

PANIZZA, Francisco. Neopopulism and its limits in Collor's Brazil. *Bulletin of Latin American Research*, v. 19, n. 2, p. 177-192, 2000.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. Tempo de perdão?... *História da Historiografia*, v. 8, n. 19, p. 219-240, 2016. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/897>. Acesso em: 19 mar. 2025.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; SILVA, Daniel Pinha. Sergio Moro negacionista?... *Revista Brasileira de História*, v. 41, p. 135-159, 2021.

ROUSSO, Henry. O tempo presente: um lugar de memória. *Revista Brasileira de História*, v. 18, n. 35, p. 71-91, 1998.

VACCAREZZA, Federico Luis. 20 anos não são nada... *Revista Política Austral*, v. 2, n. 1, p. 125-130, 2023.

WASSERMAN, Federico. Na lama da história... *Revista de Teoria da História*, v. 25, n. 2, p. 37-69, 2023. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/73793>. Acesso em: 13 fev. 2025.

ZUBOFF, Shoshana. *A era do capitalismo de vigilância.* Trad. George Schlesinger. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.